

---

**VÉRONIQUE MARIE BRAUN DAHLET**

**M E M O R I A L**

**Concurso de Professor Titular junto ao  
Departamento de Letras Modernas da  
Faculdade de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas, Universidade de  
São Paulo.**

**Disciplina: Língua Francesa.**

**SÃO PAULO**

**2006**

## **SUMÁRIO**

<b>Preâmbulo</b>	
<b>As peregrinações de um gênero</b>	<b>3</b>
<b>Estrasburgo, 1958-1978</b>	
<b>As pistas e as Letras</b>	<b>5</b>
<b>Tours, 1978-1980</b>	
<b>As Humanidades no dialogismo</b>	<b>10</b>
<b>Lublin, 1980-1983</b>	
<b>Dialogismo e representações discursivas</b>	<b>12</b>
<b>Paris, 1983-1984</b>	
<b>Pressões interdiscursivas e conflitos intradiscursivos</b>	<b>20</b>
<b>Porto, 1984-1986</b>	
<b>Do dialogismo à enunciação na escrita</b>	<b>23</b>
<b>Paris, 1986-1989</b>	
<b>A interdiscursividade de uma pontuação</b>	<b>27</b>
<b>São Paulo, 1989</b>	
<b>Os discursos da pontuação nas línguas</b>	<b>33</b>
<b>As peregrinações do <i>EU</i></b>	<b>70</b>
<b>Curriculum Vitae</b>	<b>74</b>

## **Preâmbulo**

### **As peregrinações de um gênero**

Memorial é, antes de tudo, um gênero. Várias são, pois, as opções metodológicas que se apresentam.

A primeira delas consiste em narrar o percurso de vida de um personagem. Ao longo das páginas, existe a possibilidade (tanto para quem redige quanto para os leitores do memorial) de que esse personagem venha a ganhar uma independência tal que se torne desligado do enunciador. Tratar-se-ia, assim, da coexistência de dois *EU*, um observador e um observado, um narrador e um narrado, um fixo no presente e um movediço no fluir do tempo. O que estaria em jogo, então, seria chegar ao ponto de resolução em que o personagem coincidissem totalmente com o enunciador, e isso, para ambos os pontos de vista – do leitor e do enunciador do memorial.

A segunda remete à descrição de uma vida intelectual, à caracterização de qualidades diversas, ao apontamento de opções teóricas, assimilando esses pontos a uma paisagem mental que evidencie aspectos como um quadro — e não como trajetória —, cujos contrastes construíram os indicadores de uma capacidade de ajustamentos.

A terceira opção consistiria em expor as escolhas profissionais, expor os dados de maneira problematizada, no intuito de reconstituir a articulação das escolhas que seria colocada num encadeamento de hipóteses e de resultados.

Cada uma dessas opções, além de tantas outras, tem sua legitimidade, dado que trata-se de uma escolha.

Narrar é puxar pela memória da história. Existe, no entanto, o perigo do desconhecimento das inalteráveis conexões entre o que foi e o que é hoje, bem como o de apresentar os acontecimentos passados como meramente naturais. Narrar comporta, portanto, o risco de enquadrar o memorial dentro de um destino, e mais, de um destino pontilhado pelas ações. Quanto à escolha de descrever, será que isso não pode limitar-se a uma apresentação apenas das formas, sem conseguir estabelecer as ancoragens conceituais? No que diz

respeito à exposição, o problema parece residir no fato de que se acabe procurando meramente a causalidade, o que reduziria a multiplicidade dos fatores a um delineamento unidirecional e absolutamente nítido. Enfim, tenho algumas reservas quanto à argumentação, pois se submete à exigência da verdade, mas também da possibilidade de falsificação, assim como da crítica axiológica que, de uma vez por todas, indicaria uma escala de valores, que justificaria *a posteriori* os acontecimentos.

O memorial, em todos os sentidos, implica a formação de uma história, assim como a história de uma formação. No meu caso, implica também uma geografia, pois Patrick Dahlet e eu havíamos escolhido percorrer os discursos através dos deslocamentos no espaço. O fato é que meu marido se candidatara, junto ao Ministério das Relações Exteriores francês, para preencher o cargo de leitor, em primeiro lugar, na Universidade Marie Curie de Lublin, e, em seguida, na universidade de Porto. A Universidade de São Paulo era a terceira em que foi leitor (na Área de francês do Departamento de Letras Modernas da FFLCH), e, na seqüência, adido lingüístico, carregado da cooperação universitária entre ambos os países, ao longo de seis anos (de março de 1989 a agosto de 1995). Na medida em que minha formação se sustenta em parte da minha trajetória geográfica, passei a estruturar o memorial geográfica e cronologicamente. Tais são as razões pelas quais apresento este memorial na forma de pontuação dos vários lugares nos quais se constituíram, e ainda se constituem, minha formação e minha história.

## Estrasburgo, 1958-1978

### As pistas e as Letras

Curiosamente, começarei o relato dos meus primeiros passos por um exame de conclusão, a saber o *baccalauréat*,\* que põe fim ao Ensino Médio e possibilita o ingresso no Ensino Superior francês. Com efeito, não há dúvida de que esse exame constitui uma etapa de grande importância tanto no plano da estruturação do futuro do aluno quanto no plano simbólico, pois significa a sua entrada no mundo dos adultos.

Depois dos doze anos de estudos previstos pelo Ministério da Educação Nacional francês (cinco no Ensino Primário, sete no Ensino Médio), fiz o *baccalauréat* — designado como A4, o que refere a seção de Filosofia-Literatura — aos dezoito anos, em junho de 1976, em Estrasburgo (Alsácia, França), cidade onde nasci no dia 26 de fevereiro de 1958. O exame contemplou a totalidade das disciplinas ministradas: Literatura, Filosofia, Línguas Estrangeiras (no meu caso, o alemão e o inglês), História, Geografia, Matemática. Assim, o ano de 1976 significou para mim o ano da obtenção de um diploma nacional e a entrada na maioridade, o que não é irrelevante, dado que a lei que alterou as disposições para a maioridade na França, de vinte e um anos para dezoito, entrara em vigor havia apenas três anos, em 1973. Desse modo, eu estava apta, desde então, a votar, a dirigir um veículo, a assumir minha vida em meu próprio nome, minhas escolhas e atividades... o que muito me entusiasmava.

Havia, entretanto, uma sombra no que diz respeito ao meu futuro: passei as férias do verão de 1976 (julho e agosto no Hemisfério Norte) perguntando-me sobre o que iria escolher perante a alternativa que a mim se apresentava. Para explicar isso, é preciso voltar aos anos anteriores. A partir

---

\* O *baccalauréat* corresponde, aproximadamente, no Brasil, ao vestibular, apresentando, contudo, algumas diferenças: em primeiro lugar, trata-se de um exame de âmbito nacional, organizado pelo Ministério da Educação Nacional, que serve de avaliação final dos estudos efetuados no Colegial; em segundo, a inscrição numa determinada Universidade não depende da média geral, nem da especialidade do *baccalauréat*.

de dez anos de idade, fui me dedicando muito ao esporte. A vida de treinamento e de competições levava-me a optar por ser professora de Educação Física no quadro do Ministério da Educação Nacional. Por volta dos quinze anos, abri-me para o “mundo”, meu olhar passou a ser diferente, meu interesse começou a trilhar por questões relativas ao funcionamento da sociedade, de um lado, e, de outro, pela literatura, o que levou-me a um afastamento da vida esportiva à medida que passei a me interessar pelas leituras e pelas intermináveis discussões com amigos e colegas. O Lycée Kléber, no qual ingressei aos dezesseis anos,\* um dos dois maiores e mais ativos de Estrasburgo, representou para mim uma influência positiva quanto às questões da vida coletiva institucional e da curiosidade intelectual.

Houve, sobretudo, três professores que souberam valorizar meus campos de interesse: dois professores de História, na “Première” e na “Terminale”, que proporcionaram aos alunos uma visão completamente nova da História, não como uma mera relação de eventos e de datas, mas como um complexo processo integrando um conjunto de fatores. Nessa nova visão, além dos interesses de conquista ou de defesa, intervinham também as questões diplomáticas, o poder ou a dependência econômica e, enfim, a própria cultura. É provável que tal disciplina já estivesse se tornando, nessa época, sob a influência do historiador Georges Duby, sobretudo, o que mais tarde seria chamado de a “Nova História”. Assim, fomos levados a estudar a vida cotidiana de grupos profissionais, o que remete à história das culturas, que na verdade estrutura e dá sentido à História dos fatos. A lição maior que aprendi, então, desses dois professores é que a cultura não se localiza meramente nos objetos ou nos lugares ditos culturais, tal como obras de arte, bibliotecas, museus, salas de concertos, teatro, cinema. Creio que, à época, eu limitava a idéia de cultura à arte simplesmente, e essa “descoberta” foi determinante para a minha compreensão do mundo. Alguns anos mais tarde, a leitura do livro *La distinction*, do sociólogo Bourdieu, ia ensinar-me que até a maneira de “limpar o nariz” (!) é determinada pela cultura socioeconômica do indivíduo.

---

\* O ensino médio no sistema educacional francês é dividido em duas instituições diferenciadas: o *Collège*, no qual o aluno ingressa depois da conclusão do Primário para um período de quatro anos, e o *Lycée*, que leva, depois de três anos de estudo (correspondentes aos 1º, 2º e 3º Colegial), ao *baccalauréat*.

A outra professora que muito contribuiu para o meu crescimento intelectual foi a de Literatura – do antepenúltimo ano (a “Première”), ou seja, em 1974 – , na medida em que ela propiciou aos alunos o gosto pela literatura dentro da sala de aula, por meio de análises concretas da escrita dos autores estudados, que mostravam até que ponto a designação, e sobretudo a sintaxe, constroem o sentido e fazem parte da estética literária. Além disso, a minha classe de “Première” fazia parte de um projeto pedagógico nacional denominado “estudos independentes” (*travail indépendant*) cuja proposta era levar os estudantes a aprender a trabalhar de maneira autônoma. O projeto, limitado a alguns colégios e restrito às disciplinas de História e de Literatura, permitiu, portanto, o acesso à Biblioteca Nacional Universitária de Estrasburgo. Isso significou uma experiência sem precedentes para os alunos: aprendíamos a nos orientar numa ampla biblioteca, a buscar referências bibliográficas, a redigir monografias com base em dados levantados por nós mesmos. Em suma, esse projeto se estruturava de modo semelhante à aqui designada Iniciação Científica, privilegiando os mesmos princípios norteadores. Éramos bastante orgulhosos de termos acesso à Biblioteca Nacional, à dos alunos e professores universitários; orgulho certamente exagerado, mas real no nosso imaginário de adolescentes de dezessete anos.

A formação de predominância literária dos meus estudos no Colegial não me levou, contudo, naquela época, a decidir definitivamente pelo caminho a seguir no futuro. Assim, quando chegou, no ano seguinte, o momento da preparação para o *baccalauréat*, que ocorre no mês de junho (fim do ano letivo), na dúvida, preparei ao mesmo tempo dois concursos. Um deles me levaria para a formação de professora de Educação Física, mas, ao longo dos dias de provas, logo percebi que não me agradaria conviver durante cinco anos com colegas interessados exclusivamente pelos esportes. Mesmo assim, não desisti da carreira, pois pensava em orientar as aulas não no espírito de competição, mas sim no de um conhecimento e de ampliação do leque das sensações do próprio corpo. O outro concurso me levaria para a formação de professora de Francês; nesse caso, não pretendia ingressar na Faculdade de Letras (para isso, o *baccalauréat* era suficiente), mas partir para uma formação paralela, denominada “Lettres Supérieures”.

Fiz os dois concursos, cuja validade dependia, naturalmente, da obtenção do exame final do *baccalauréat*, o que se deu no mês seguinte, em junho de 1976 (1).<sup>\*</sup> Fiquei, portanto, dividida ante a decisão muito difícil a ser tomada, visto que teria que deixar ou aquele meu então antigo projeto de seis ou oito anos (não me lembro exatamente em que idade decidira por professora de Educação Física, mas, de qualquer forma, era uma parte de mim mesma) ou o contato contínuo com a literatura. Nessa situação, por certo angustiante e francamente desagradável, as férias do verão de 1976 foram totalmente dedicadas à leitura. É evidente que minha cultura literária apresentava lacunas significativas no que dizia respeito a períodos — os séculos XVII e XVIII, principalmente — e impasses absolutos quanto a vários autores imprescindíveis, como Chateaubriand, Gide, Camus e muitos outros. Entretanto, creio que essas leituras intensivas foram motivadas mais pela fruição da literatura, que é a expressão artística de que mais gosto, do que pela seriedade do momento que a mim se apresentava.

Com a volta às aulas, ainda não havia tomado minha decisão. Porém, sabendo que as aulas em “Lettres Supérieures” começavam com quinze dias de antecedência em relação às da Faculdade de Educação Física (Universidade de Estrasburgo), decidi acompanhá-las acreditando que a frequência efetiva me ajudaria a escolher o caminho a ser trilhado. Na verdade, a decisão foi tomada logo no primeiro dia de aula, pois quem acolheu a turma de iniciantes que éramos foi a professora de Literatura Francesa Claire Nancy, cujas qualidades profissionais e pessoais, investidas da mesma paixão inextinguível pelo saber e pelo viver, nos marcou profundamente, de maneira unânime. Assim, em setembro de 1976, ingressei na formação em “Lettres Supérieures”, sediada numa ala do Lycée Fustel de Coulanges (2).

Trata-se de uma formação dita de excelência, estendida por dois anos (“Lettres Supérieures” e “Première Supérieure”, respectivamente) cuja proposta é a preparação ao concurso nacional, muito seletivo, possibilitando a entrada na Ecole Normale Supérieure, localizada em Paris e, já há alguns anos, em Lyon, que, por sua vez, prepara para os dois concursos nacionais

---

<sup>\*</sup> Os algarismos entre parênteses indicam o número do documento comprobatório. Quando seguido so símbolo [ ], significa que o documento está guardado numa pasta, e não no fichário.



para o ensino: a “Agrégation” e o C.A.P.E.S. (Certificado de Aptidão ao Ensino Médio) de Letras Modernas, de Letras Clássicas, de Filosofia e de Gramática. A diferença em relação à Faculdade de Letras, que tem o mesmo papel, reside no programa e na carga horária. O programa tem maior abrangência, pois integra a Filosofia, a Geografia e a História, que não pertencem, *strito sensu*, à formação literária. Quanto à carga horária, esta totaliza trinta e seis horas semanais, enquanto cada um dos dois primeiros anos na Faculdade perfaz um total de aproximadamente vinte e quatro horas. As matérias se distribuíam da seguinte forma: Literatura Francesa (8 horas), Literatura Comparada (6 horas), Filosofia (4 horas), Alemão (6 horas), Inglês (4 horas), Latim (4 horas), História (4 horas) e Geografia (4 horas). A disciplina de Lingüística (2 horas semanais) não era oferecida no local: era preciso ir à Faculdade de Letras para cursá-la.

No que diz respeito à Literatura, o primeiro ano abrangia a crítica (na verdade, as críticas, tanto do ponto de vista das metodologias como do das perspectivas segundo as quais uma obra literária pode ser abordada), enquanto o segundo ano se dedicava ao estudo dos autores constantes do programa elaborado com vistas ao concurso de entrada na Ecole Normale Supérieure.

O ingresso foi um choque, pois fomos literalmente sugados por um ritmo de alta densidade. É difícil avaliar com rigor os benefícios dessa formação: por um lado, houve tantas informações que o limite entre assimilação e indigestão parece impreciso; por outro, o enriquecimento intelectual revela-se indiscutível.

## Tours, 1978-1980

### As Humanidades no dialogismo

Morei dois anos em Tours (de setembro de 1978 a setembro de 1980), e foi um período muito produtivo para mim: a Universidade, cujo quadro é menos rígido, proporciona um tempo de estudo individual maior e, conseqüentemente, uma liberdade quanto à escolha de leituras que não havia podido aproveitar até então.

Ingressei, portanto, no segundo ano de D.E.U.G. (Diploma de Estudos Universitários Gerais) na Universidade François Rabelais em outubro de 1978, na especialidade de Letras Modernas (3). No currículo constavam quatro cursos de literatura francesa (a comédia — Molière; a poesia do século XVI — os “Rhétoriciens”; a literatura do século XIX — Flaubert e Villiers de l’Isle Adam), além do Latim, do Inglês, da Lingüística e do Francês Antigo (“l’Ancien Français”).

O terceiro ano, denominado “Licence” (4), foi determinante para mim, e posso dizer que me desenvolvi muito no nível conceitual: parece que as condições foram reunidas para ter uma representação global e articulada das críticas literárias, sobretudo aquelas que, baseadas na Lingüística, tratam da escritura. O que me possibilitou esse melhor entendimento foi a descoberta do pensamento teórico de Mikhaïl Bakhtin. A primeira leitura que fiz foi *Esthétique et théorie du roman*, seguida, no mesmo ano, de *L’œuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen-Age et sous la Renaissance*. O que me marcou profundamente nessas leituras foi, em primeiro lugar, a maneira com que M. Bakhtin associa a expressão literária, o autor e a sociedade, através de um quadro de análise globalizante, apesar de não reducionista, que consegue mostrar as interações entre as forças ideológicas, sociais, e o autor — sendo ele participante dessas forças em ação — que se exprimem na obra. Isso possibilitou a mim a melhor compreensão das grandes categorias literárias, como a epopéia, o drama e o romance. Em segundo lugar, a concepção da linguagem, colocada no cerne da noção de dialogismo, possibilitou-me não

apenas perceber a maneira concreta com que as palavras como a linguagem estão agindo de fato — assim, passei de uma visão do locutor senhor da fala à do locutor agindo ele mesmo pelas palavras por ele utilizadas, já que elas contêm várias camadas de inflexões semânticas e ideológicas —, como também melhor compreender o trabalho de Julia Kristeva, cujo livro lido um ano antes, *Semeiotiké, recherches pour une sémanalyse*, ficara até então obscuro para mim.

Foi o professor de Literatura Jean-Claude Liéber quem nos aconselhou a leitura de Bakhtin. O programa do curso ministrado por ele era dedicado ao romance *Cette Voix* (Minuit, 1975), do autor assimilado ao “Novo Romance” Robert Pinget. O encontro dessa escritura (diferente da dos novos romancistas que já havia lido, como Robbe-Grillet, Butor) com as perspectivas abertas por Bakhtin fez que eu me orientasse para a análise da linguagem na literatura. Esse período determinou, portanto, meu caminho, pois, desde então, a minha predileção foi para a análise da literatura através da linguagem, como representante e representada; ou seja, a maneira com que a linguagem trabalha a fim de elaborar a ilusão referencial, mas, sobretudo, a maneira com que se auto-representa, colocando esta no segundo plano, tornando-se ela mesma objeto romanesco.

Junto com o curso sobre Robert Pinget, freqüentei também o curso de Literatura ministrado pelo professor Daniel Oster sobre o romancista, poeta e matemático Raymond Queneau, fundador, com François Le Lionnais, em 1960, do movimento OULIPO (“OUvroir de Littérature POtentielle”, ou seja, Ateliê de Literatura Potencial), e responsável pela edição do famoso volume *La littérature* da coleção La Pléiade, Editora Gallimard.

Esses cursos muito me agradaram e muito aproveitei deles. O curso sobre o romance *Les Fleurs Bleues*, de Raymond Queneau, proporcionou-me sobretudo a familiarização com as obras poéticas dos membros do OULIPO, todas fundamentadas na teoria que rejeita o acaso, e, portanto, a inspiração (“L’OuLiPo, c’est l’anti-hasard”, diz um dos membros, Claude Berge), em proveito da procura das possibilidades combinatórias, em razão das quais, seguindo-as, se desenvolve a obra.

## Lublin, 1980-1983

### Dialogismo e representações discursivas

O ano acadêmico posterior (1980-1981) foi o da “Maîtrise” cujo conteúdo se compõe de dois cursos anuais e da redação da dissertação. Esse último ano de Graduação é concebido como uma iniciação à pesquisa.

Assim, freqüentei o curso de Literatura do Século XVIII, ministrado pelo professor Jean-Marie Goulemot. O curso, que tratava do teatro sob a Revolução Francesa, analisava o papel crucial do teatro, encarregado de divulgar e valorizar os pensamentos da República, enquanto a monarquia era mostrada como um poder arcaico e despótico. Embora possa ser verdade serem esses melodramas desprovidos de qualquer valor artístico, eles podem ser considerados teatro de intervenção, pois tratava-se de agir diretamente sobre a história que se construía no mesmo momento. O curso de Literatura do Século XX, ministrado pela professora Bonnet, contemplou o movimento do Surrealismo, através das obras de André Breton e de Paul Eluard, notadamente.

Naquele ano, redigi a dissertação de “Maîtrise” cujo título é *Robert Pinget et l'univers fictionnel de Quelqu'un à L'Apocryphe. Une grammaire de la plus grande fracture*, sob a direção do professor Jean-Claude Liéber (5-a ). O tema foi escolhido por influência dos seguintes fatores: em primeiro lugar, eu considerava a dissertação um prolongamento do curso de “Licence”, que ia proporcionar um trabalho de maior fôlego sobre um romancista cuja escritura traz, a meu ver, uma renovação inédita no tocante à criação literária; em segundo, quis, à luz das leituras de Bakhtin, mostrar como a linguagem literária podia tornar-se objeto de representação. Quanto à escolha dos romances, selecionei os seis últimos (*Quelqu'un* foi publicado em 1965; *L'Apocryphe*, em 1980) por apresentarem um ponto comum quanto à narrativa, que transcorre sempre criando um leque de possibilidades de desfecho a partir de uma dada situação, deixando abertas as várias versões, por vezes contraditórias.

A dissertação subdividiu-se em quatro partes. Na primeira, procura analisar os procedimentos pelos quais o universo ficcional do romancista Robert Pinget, assimilado ao “Novo Romance”, foge da ilusão referencial, criando a impossibilidade de a ficção agarrar-se a uma direção só, graças a manipulações lingüísticas tais como os intercâmbios entre os sintagmas sujeitos e os predicativos, a utilização de conjunções disjuntivas ou alternativas, e o uso das formas da hipótese.

A segunda parte tem como pano de fundo a reflexão de Bakhtin, segundo a qual “Um dos temas maiores e dos mais comuns, inspirados pela fala humana, é o da transmissão e da discussão do discurso e das palavras do outro”. Com efeito, o universo ficcional de Robert Pinget se constitui quase meramente de discursos que os personagens retomam de outros, deformam, e que, por sua vez, posteriormente, são retomados e alterados. Nessa perspectiva, analiso os graus de inserção de discursos, cuja formação os identifica como alheios aos discursos dos locutores-personagens, a saber, a fofoca baseada no *enthymema*, a expressão idiomática e o discurso de autoridade, segundo uma escala de graus “violência discursiva”. Assimilando a fofoca à “palavra persuasiva interior” (Bakhtin), o discurso de autoridade à “palavra autoritária externa” (Ibidem) e a expressão idiomática a uma forma intermediária, tentei mostrar os vários graus de violência discursiva no processo da polifonia.

A terceira parte mostra, se não uma lógica, pelo menos a tentativa fascinada de se aproximar do Verbo, subjacente à estrutura desarticulada manifestada na superfície. Retomando a problemática da escritura que emergiu nos anos 50, depois de escritores como Beckett e Blanchot, essa parte pretende mostrar, portanto, a ligação entre as manifestações narrativas (mas não meramente formais, assim como se poderia pensar de um novo romancista) e o projeto de escritura que remete ao sentido próprio da legitimidade existencial do narrador como sujeito que fala/escreve.

Enfim, a última parte abrange de maneira específica os romances *Fable* (1971) e *Cette voix* (1975), que considero um momento-chave no percurso do autor. Com efeito, *Fable* baseia-se na questão do espelho através do mito de Narciso: espelho quebrado, traidor, pois reflete imagens múltiplas, incompletas e falsas de si, enquanto *Cette voix* orienta a procura em torno do

tema da voz. Tanto o tema do espelho quanto o da voz são interpretáveis como metáforas da escritura, e a seqüência dos dois romances manifesta uma virada decisiva quanto às escolhas dos narradores de Robert Pinget.

Considerando hoje a dissertação, julgo que, como um todo, ela apresenta aspectos relevantes. Em particular, os dois primeiros capítulos se dedicam à análise concreta dos procedimentos que dão à escritura de Robert Pinget a sua marca específica, quer dizer, o “tom”, segundo seu próprio termo. Os dois capítulos seguintes procuraram mostrar que há uma determinação mútua entre “a forma” da narrativa e o universo de representações do autor, que determina o ato de escrever. No entanto, o defeito maior da minha dissertação reside, a meu ver, no fato de não ter explicitado a articulação entre os dois primeiros capítulos e os dois últimos.

Nos cursos “Recherches sur la Littérature des XVIII<sup>e</sup>, XX<sup>e</sup> Siècles et en Général” obtive a nota 15/20 (a menção “Bien” corresponde às notas que se situam entre 14/20 e 16/20); para a dissertação, a nota 18/20 (5-b). A defesa aconteceu em junho de 1981, com uma banca composta, além do professor orientador Jean-Claude Liéber, de dois especialistas em literatura do século XX, os professores Parent e Daniel Oster.

O ano de “Maîtrise” correspondeu ao início de um período de vida muito intenso e de grandes mudanças relacionadas ao meu primeiro deslocamento geográfico, isto é, à minha estada em Lublin, na Polônia. Tratava-se, pois, de organizar o ano acadêmico seguinte para poder assistir aos cursos de Pós-Graduação, sendo considerada obrigatória a presença. Sabia que os cursos eram quinzenais, e os dois seriam ministrados na mesma semana, às terças e quartas-feiras. Assim, era viável (apesar de onerosa) a viagem duas vezes por mês.

Num desses deslocamentos, tive a sorte de me encontrar com Robert Pinget, que normalmente passava o período da primavera ao outono em sua casa na Touraine (região de Tours), e a outra metade do ano em Paris. A entrevista aconteceu no início do mês de abril: minha intenção era fazer perguntas que vinham sendo formuladas à medida que redigia a dissertação. O encontro não foi fácil, pois Robert Pinget (falecido em agosto de 1997) era um escritor que não aceitava de bom grado as inúmeras solicitações que lhe

faziam. Tal como Samuel Beckett, seu amigo de anos, ele não gostava de “exibir-se no palco”, recusava-se a parecer nas mídias, fugia às entrevistas. Era preciso, portanto, ser introduzido por alguém dele conhecido e apreciado, o que era o caso de Jean-Claude Liéber, mas mesmo assim ele permaneceu muito “*sur ses gardes*”. As informações que me concedeu não me foram de grande valia (aliás, ele também não era muito cooperativo), mas esse encontro foi importante para o futuro.

No plano profissional, esse período foi também significativo, pois foi na Universidade Marie Curie Skłodowskiej, com a idade de 22 anos, que dei início à carreira de professora. Com efeito, candidatarame e fui aprovada. Durante os anos em que ali estive (setembro de 1981 a junho de 1983), fui encarregada de ministrar aulas de “Expressão oral” nos terceiro e quarto nos (6a; 6b). Ainda não possuía experiência, mas procurei motivar os alunos para tomar a palavra em língua estrangeira. Naquela primeira etapa, as aulas se apoiavam principalmente em “*des jeux de rôle*” (jogos teatrais). Numa segunda etapa, a proposta era diversificar os domínios de intervenção oral a partir de documentos (gravações e material audiovisual, principalmente) que contemplavam diferentes assuntos da vida francesa, isto é, o que é chamado de “civilização”: economia, cultura, profissões, grupos sociais.

Na verdade, tive que me formar “*sur le tas*”, procurando adaptar o conteúdo das aulas segundo as leituras que fazia sobre as técnicas da expressão oral e as necessidades dos alunos (aquelas que eu imaginava, pois se me lembro bem, nunca perguntei aos interessados o que esperavam das minhas aulas. Talvez nessa época eu ainda tivesse uma representação bastante antiga do professor “que não podia mostrar hesitação” diante dos alunos, e, para tanto, eu devia aparentar ter muita segurança). Acima de tudo, o que me formou foram as trocas que tive seguidamente com meus colegas poloneses. Trocas que se faziam na urgência de tudo: urgência de aprender a ensinar, urgência de trocar, de compartilhar; enfim, de vivenciar o que dava sentido às nossas vidas, o viver junto.

Inscrevi-me para o estágio de formação de animadores pedagógicos para o ensino do Francês língua estrangeira, organizado pelo Instituto para o ensino da língua e da civilização francesas no exterior (Bureau pour

l'Enseignement de la Langue et de la Civilisation Françaises à l'Étranger — B.E.L.C.), que ocorreu de 7 de julho a 7 de agosto de 1981 (7). Havia oito horas de aula por dia, de segunda-feira a sábado. O estágio foi muito proveitoso, na medida em que tinha necessidade de cursos de formação, pois ensinar uma língua estrangeira exige conhecimentos teóricos sobre as metodologias e a pedagogia que até aquele momento eu não possuía. Evidentemente, isso não quer dizer que saí do estágio dotada de uma formação completa, longe disso. Direi que, muito pelo contrário, o contato com tantos elos que compõem o ensino de línguas estrangeiras trouxe-me, antes, a humildade para reconhecer que teria que estudar e progredir muito para alcançar um nível satisfatório na carreira de professor de língua estrangeira.

Nesse período, ainda, participei do Colóquio de Mogilany em Lingüística do Discurso, ocorrido em junho de 1983, organizado pela Universidade de Cracovia, apresentando uma comunicação, que foi publicada sob o título “Trois formes d'intertextualité dans l'oeuvre romanesque de Robert Pinget: le ragot, le syntagme figé, la citation. De la parole persuasive intérieure à la parole autoritaire extérieure” nas “Atas do Colóquio de Mogilany”, em 1985, na revista da Universidade de Cracóvia, *Zeszyty Naukowe Uniwersytetu Jagiellonskiego*, em que analiso formas da intertextualidade na obra de Robert Pinget. Trata-se de uma reescrita mais aprofundada do segundo capítulo da “Maîtrise”(8).

Outro artigo desse período foi “La narration chez Robert Pinget ou la résorption du personnage”, publicado em 1983, na revista do Departamento de Letras da Universidade, *Lubelskie Materialy Neofilologiczne* (9). Nesse artigo, mostrei a evolução dos romances de Robert Pinget (até aquela data, eram treze) seguindo um fio condutor, a saber, a imagem do eu-narrador. Pude, dessa maneira, dividir a obra em três séries, cada uma respondendo a uma destituição mais avançada da instância narradora.

Durante esse período pude desenvolver algumas atividades culturais, especialmente as duas a seguir:

1- Meu marido e eu éramos os únicos franceses em Lublin, situada a 250 quilômetros a sudeste de Varsóvia. Com 250 mil habitantes à época, a cidade não contava com uma instituição cultural francesa, ao contrário da



capital e de Cracóvia, onde o Institut Français oferecia cursos de língua, uma rica biblioteca com livros, revistas e jornais franceses e organizava a apresentação de espetáculos. Assim, levávamos quinzenalmente da Embaixada francesa filmes que projetávamos para os alunos e organizávamos a apresentação de espetáculos franceses a Lublin.

2- Junto ao Institut Français de Varsóvia, organizei a visita de Robert Pinget à cidade para divulgar sua obra de romancista e dramaturgo francês contemporâneo (10). Ele proferiu uma conferência no Institut Français de Varsóvia e de Cracóvia, assim como no Departamento de Letras da Universidade de Lublin. A conferência versou sobre os procedimentos da sua atividade de escrever. Pude acompanhá-lo ao longo dessa semana de abril de 1983. Antes de sua chegada, porém, paralelamente às exposições de seus manuscritos e suas obras romanescas e teatrais, proferi, nos mesmos locais, uma conferência apresentando a problemática de sua obra, que se encontrava tanto nos romances como nas peças de teatro, apesar das diferenças entre os dois gêneros.

No plano pessoal, esse período na Polônia foi muito intenso. A experiência mais forte foi de ordem política. Qual era a situação em 1980? Aproximava-se de um sentimento de euforia quase generalizado. Pela primeira vez na história na Igreja Católica, o papa era polonês e, neste país muito católico, isso trouxe orgulho e profunda satisfação (João Paulo II foi eleito em 1978, o atentado que ia sofrer três anos mais tarde fortaleceria ainda mais, se possível, o sentimento nacional e católico); o sindicato *Solidariedade* estava em plena expansão e trazia esperanças e sonhos que a população jamais imaginara poder alimentar em sua vida. Além do mais, a Polônia tornava-se centro constante de interesse para o mundo todo, sobretudo para a Europa cujas feridas provocadas pelas duas guerras mundiais não estavam ainda cicatrizadas, e o eram ainda menos nos países do Leste que, depois do Tratado de Yalta, foram submetidos à autoridade da então União Soviética (que estava no 16º ano de governo de Brejnev). Em todos os setores, era possível aderir oficialmente ao sindicato *Solidariedade*, que promovia inúmeros debates. O setor agrário agiu prioritariamente: organizavam-se cooperativas agrícolas que faziam concorrências com os circuitos de produção e de distribuição do

Estado, o que modificava, inclusive, o equilíbrio dos benefícios. Em 1981, o mesmo se deu com as fábricas, e algumas optaram pela autogestão.

Tudo isso colocava o governo em perigo, tanto no que se refere à sua autoridade como aos princípios ideológicos que o norteavam. Até que ponto o governo iria admitir o crescimento do sindicato? Até que ponto a União Soviética toleraria o fortalecimento de uma representação política que fugia ao controle do governo polonês? Essas perguntas voltavam de maneira recorrente nas discussões do dia a dia.

No mês de outubro de 1981, várias fábricas entraram em greve. Logo depois, foram seguidas por algumas universidades. Ora, a greve, no sentido forte da palavra, era proibida, ou seja, a única maneira legal de entrar em greve consistia em ir trabalhar, sim, mas com um pano amarrado ao braço, que informava sobre o protesto. A reivindicação era uma só: os diversos setores do país queriam adquirir um poder de representação e de decisão maior dentro das respectivas instituições.

Foi o caso da nossa Universidade, que entrou em greve no fim de novembro. Na medida em que se tratava de um ato de protesto até então desconhecido dos docentes como dos alunos, eles tinham que inventar as modalidades de realização deste. Assim como nas fábricas, foi decidida a ocupação dos locais, o que demandou uma grande organização quanto às questões das refeições e do alojamento. Os grevistas eram estimados em 65%, a metade deles permanecendo 24 horas no local. As aulas continuavam a ser ministradas, com uma regularidade variável, pois os dias eram pontuados por reuniões de informação tão logo chegavam informantes que faziam o vaivém entre os vários locais em greve, por assembléias gerais discutindo sobre a maneira de conduzir a greve e, enfim, por debates animados por representantes regionais do sindicato *Solidariedade*.

No início de dezembro, o presidente da República, Jaruzelski, e seu governo exigiram a cessação das greves espalhadas por todo o país. Ao longo de dez ou quinze dias, algumas fábricas acabaram cedendo progressivamente às ameaças de evacuação *manu militari* e grevistas deixaram as ocupações. Outras fábricas e universidades, não.

Lembro-me, naquela manhã de 13 de dezembro de 1981, de ter sido acordada pela campainha que tocava insistentemente. Abri a porta: uma colega, grande amiga, que havia nos deixado às duas horas da madrugada junto com alunos com os quais eu montava um espetáculo audiovisual, chorava, dizendo que tudo estava acabado, pois fora decretado naquela noite o “Estado de guerra”. Ainda sonolenta, eu não entendia o que ela queria de fato dizer, já que a palavra “guerra” significa, para mim, um conflito entre dois ou mais países. Respondeu-me que bastava pegar o telefone para logo saber: estava mudo. Na Constituição polonesa não existe a expressão “golpe de Estado”, e sim “Estado de guerra”, pois um determinado grupo suscetível de abalar a autoridade do governo é considerado seu inimigo. O toque de recolher foi estabelecido; era proibido sair de qualquer cidade, a não ser com uma autorização militar; o jornal televisivo era apresentado por um militar fardado; enfim, todas as medidas de repressão à expressão, à informação e à circulação foram tomadas.

Todos os entusiasmos foram, de um momento para outro, sufocados: uma longa noite caiu sobre a Polônia. A partir desse momento, a vida ficou monótona, sem gosto para ninguém. Reinava a profunda desilusão.

Lembrar esse episódio é uma homenagem aos meus amigos e colegas poloneses, que nos pediram, naquele momento, para contar, divulgar, fazer conhecer, levar para além das fronteiras os acontecimentos que sacrificavam o povo polonês.

## Paris, 1983-1984

### Pressões interdiscursivas e conflitos intradiscursivos

De volta à França no fim do ano acadêmico de 1982-1983, inscrevi-me para o D.E.A. (Diploma de Estudos Aprofundados) de Literatura Francesa e Comparada, que constitui-se de duas partes: os cursos (chamados “*unités de valeur*”) (11-a) e a dissertação, na Universidade de Paris VII-Jussieu, sob a direção da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Julia Kristeva.

Quis continuar estudando os romances de Robert Pinget, não só movida pela minha paixão, mas também incentivada pelo duplo fato de que ele era conhecido muito mais no exterior do que na França, e de que, naquela época, as dissertações de Mestrado sobre a sua obra eram quatro, e não havia ainda registro de nenhuma tese de Doutorado. Quando foram abertas as inscrições para o D.E.A., em setembro de 1983, procurei os professores de Literatura do Século XX da Universidade da Sorbonne. Ora, os dois professores que ofereciam vagas recusaram, de início, uma monografia sobre Robert Pinget, pois não podiam conceber que se estudasse um autor que, segundo um deles, “podia-se cruzar andando na rua”(!). Diante dessa espantosa postura, tomei a decisão de me dirigir a alguém conhecido por interessar-se pela literatura contemporânea. Fui até a Universidade de Paris VII-Jussieu encontrar-me com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Julia Kristeva, que teve uma reação exatamente oposta àquela dos professores da Sorbonne, pois aceitou logo o autor, dizendo que havia muito poucos estudos a respeito de sua obra. Essa acolhida me deixou muito feliz; restava apresentar um projeto, o qual posteriormente foi aceito.

A obtenção do diploma compreende a dissertação, bem como uma monografia para cada sete cursos. Entretanto, cursei apenas dois, pois fui dispensada de cumprir a totalidade pelo fato de eu ter freqüentado, no mesmo ano de 1983-1984, a título de livre-ouvinte, as aulas da Ecole Normale

Supérieure de Fontenay-aux-Roses (periferia sul de Paris), cuja preparação está voltada para os concursos nacionais – Agrégation e C.A.P.E.S. –, e que se compunha das seguintes matérias: Literatura, Literatura Comparada, Língua Estrangeira (no meu caso, Inglês), Latim, Diacronia do Francês, e, por fim, Estilística.

A condição de livre-ouvinte refere-se a quem fez os dois primeiros anos de “Lettres Supérieures”, sem, entretanto, ter prestado o concurso que dá acesso à Ecole Normale Supérieure, e é obtida mediante a apresentação de uma candidatura, analisada por uma banca interna composta de professores da Ecole. Com efeito, minha intenção era aproveitar do fato de permanecer em Paris para satisfazer, o máximo possível, minha curiosidade intelectual. Hoje, creio que era também um meio de permanecer num universo escolar fechado e, afinal, seguro, pois, do ponto de vista universitário, o objetivo principal era obter o Diploma de Estudos Aprofundados para entrar na fase de Doutorado, e, do ponto de vista profissional, já havia me voltado para o ensino do Francês Língua Estrangeira.

Assim, freqüentei dois cursos anuais de duas horas por semana visando ao D.E.A., que são os que seguem:

1- “Sémiologie des Textes”. O curso, ministrado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Julia Kristeva, abrangia textos de referência, em particular os de Freud e de Didier Anzieu, que eram comentados. Quinzenalmente, os alunos apresentavam seminários.

2 - “Les Femmes et les Pratiques de l’Écriture. La Problématique du Neutre face à la Question de la Différence Sexuelle”. Nesse curso, ministrado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Michelle Marini, estudamos as técnicas da escritura do autor a partir dos romances *tropismes*, *Entre la vie et la mort*, *L’usage de la parole*. Em cada uma das monografias, obtive a menção “Très Bien”, com nota 18/20 (11-b).

A dissertação de D.E.A. (12a |), cujo título é *Un langage en représentation: le potin, le syntagme figé réactivé et le texte d’autorité dans l’univers fictionnel de Robert Pinget*, é um estudo que pretendeu dar continuidade a uma problemática já apontada na dissertação de “Maîtrise”. Trata da “representação literária da linguagem” (Bakhtin), através da análise dos funcionamentos do cruzamento do enunciado receptor e dos enunciados

de empréstimo — no caso, a doxologia da fofoca, “*les expressions figées*”, a palavra do Pai —, cujos domínios referenciais são radicalmente opostos. Esses cruzamentos dão ensejo à hibridização máxima, já que os enunciados receptores e os alheios desbotam mutuamente, não só pelo fato da aproximação de espaços referenciais distantes entre si, mas também pelas ambigüidades sintáticas criadas pela pontuação, sobretudo.

A busca constante da hibridização discursiva constitui, não há dúvida, um dos pontos marcantes da estética romanesca na obra de Robert Pinget, que traz, aliás, o riso. Nesse ponto, Pinget faz lembrar Rabelais pelo uso do riso que consegue provocar no leitor. É um riso cuja força consegue afastar as angústias, inverter os sistemas de valores; enfim, é o riso carnavalesco analisado por Bakhtin no seu livro *L'œuvre de François Rabelais et la Culture du Moyen-Age et sous la Renaissance*.

Apesar de ter-me esforçado em mostrar os vários graus de hibridização, ou seja, uma dinâmica cada vez renovada no processo de desbotamento dos discursos, a dissertação apresenta, ao meu ver, um problema evidente. Na verdade, a análise desenvolve-se de tal maneira que supõe que a alteridade do sentido provém de um espaço discursivo exclusivamente exterior, alheio, e não de dentro, como modo de criação discursiva interna através do qual essa alteridade se constitui. Talvez isso se deva também a determinados aspectos do pensamento de Bakhtin, ao qual me refiro.

Defendi a dissertação de D.E.A. em setembro de 1984. Fizeram parte da Banca Examinadora os professores doutores Julia Kristeva (orientadora), Michelle Marini e Françoise Atlani. Fui aprovada com nota 18/20 (12b).

## **Porto, 1984-1986**

### **Do dialogismo à enunciação na escrita**

Nos dois anos acadêmicos seguintes, de setembro de 1984 a setembro de 1986, fui professora de Língua Francesa junto ao Departamento de Língua e de Literatura Francesas da Universidade de Porto (Portugal) (13). Durante o período, ensinei a argumentação escrita no terceiro ano, com uma carga horária de oito horas, sendo a promoção dividida em dois grupos.

Na verdade, essa nova realidade configurou-se como um choque para mim e tive muita dificuldade em adaptar-me à nova situação, tanto no que diz respeito à vida social quanto no que se refere às condições de ensino.

Para limitar-me a estas últimas, o maior obstáculo foi o número de alunos. Talvez meu leitor possa imaginar a minha reação ao entrar pela primeira vez num anfiteatro lotado, que contava 150 alunos, ao passo que pretendia ministrar simplesmente uma aula de língua estrangeira, e não uma aula magistral! Fiquei literalmente pregada à lousa ao longo das duas intermináveis horas de duração da aula. O segundo obstáculo refere-se ao perfil dos alunos. Experimentei, pela primeira vez, uma disparidade significativa entre os alunos, ora no nível da língua ora no nível da formação universitária geral, mas isso numa relação inversamente proporcional. Com efeito, o grupo era nitidamente dividido em dois em razão dos respectivos currículos. Um grupo maior seguiu a formação universitária esperada: tinha, portanto, um nível de conhecimentos satisfatório, ao passo que o nível em língua francesa variava entre o regular e o bom. O outro grupo, que representava mais ou menos 10% do total de alunos, apresentava competências exatamente opostas, ou seja, possuía um nível muito bom em língua francesa, porém, era desprovido de formação geral de nível universitário. Tratava-se de alunos criados na França no período em que os pais, imigrantes, ali trabalharam, e que haviam retornado para Portugal. Ora, um simples exame de proficiência em língua francesa os autorizava a ingressar diretamente no terceiro ano, medida que os impedia, de

fato, de receber uma formação de nível universitário, que efetivamente lhes fazia falta.

Ao longo desses dois anos, dei continuidade à minha formação, participando (a) de seis estágios, de dois dias cada, de formação especializada em Didática do Francês Língua Estrangeira, organizados pela missão lingüística da Embaixada da França em Lisboa (14); (b) de um estágio de metodologia de duas semanas (de 9 a 21 de dezembro de 1985) no Centre International d'Etudes Pédagogiques — C.I.E.P., Sèvres (15).

Além disso, participei da organização do Colóquio Internacional “Victor Hugo et le Portugal”, realizado no mês de abril de 1986, por ocasião do centenário de morte do poeta (13). Por ocasião da comemoração, montei um espetáculo de teatro com um grupo de dezenove alunos (entre os quais, quatro técnicos de som e luz) a partir de trechos de obras de Victor Hugo, que foram juntados compondo um todo. A experiência foi muito positiva: propiciou a esses alunos um desenvolvimento e uma segurança notáveis no que diz respeito à língua francesa, e, ao mesmo tempo, possibilitou-nos um forte vínculo que beneficiou o grupo todo. O espetáculo foi apresentado na noite do primeiro dia do Colóquio, e, depois, na Universidade de Coimbra, bem como no Institut Français de Lisboa.

Em setembro de 1984, logo depois da defesa da dissertação de D.E.A., providenciei minha inscrição no nível de Doutorado. O fato de ficar fora da França não trouxe dificuldades, pois no sistema de formação doutoral francês não há mais cursos de Pós-Graduação. A única ligação existente passa pelo orientador, no meu caso, a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Julia Kristeva. No entanto, houve uma dificuldade, sim, que residiu na escolha do tipo de Doutorado. Com efeito, o ano acadêmico de 1984-1985 correspondia a uma transição do sistema das teses de Doutorado, de tal modo que era possível escolher entre o sistema antigo, que caducaria no ano seguinte, e o sistema novo.

O sistema antigo abrangia duas teses de Doutorado: a primeira, denominada tese de “Doctorat de 3<sup>e</sup> Cycle”, teria que ser concluída no máximo dentro de quatro anos, enquanto a segunda, denominada tese de “Doctorat



d'Etat", podia durar de dez a quinze anos até a defesa. O sistema novo elegeu apenas uma única tese de Doutorado, concebida como um meio-termo entre as duas antigas. A mudança justificou-se, segundo o Ministério do Ensino Superior, pelo fato da demora excessiva verificada até a conclusão da tese de "Doctorat d'Etat", ou melhor, pelo fato de o doutorando se concentrar exclusivamente, ainda que por obrigação, na redação da tese, o que o impedia de desempenhar, nesse longo período, um papel mais ativo na sua área de concentração. Particularmente, concordo com esse raciocínio, além do fato de que é difícil conceber ultrapassar, ou, digamos, melhorar, os conteúdos de uma tese desse nível.

O sistema novo, como já foi dito, compreende uma única tese de Doutorado, cujo prazo máximo pode estender-se até seis anos. Depois de alguma hesitação, optei pelo novo Doutorado, já que era favorável à mudança proposta.

Pretendi trabalhar sobre a pontuação nos romances de Robert Pinget. Na verdade, exceto algumas observações feitas aqui e acolá nas dissertações da "Maîtrise" e, depois, do D.E.A., a pontuação era para mim um objeto de análise quase alheio. Fui induzida tanto pela confiança e interesse que demonstrou Julia Kristeva em relação à minha proposta quanto pela minha intuição, ainda que sem fundamento sólido naquele momento, que via nisso um veio bastante promissor. Isso dito, o projeto não me parecia tão inoportuno, uma vez que eu havia lido, em 1983, o livro de Henri Meschonnic, *Critique du rythme. Anthropologie historique du langage* (1982), cujas postura teórica e análises me interessavam muito — e ainda me interessam — e me abriram perspectivas de estudo que me propus desenvolver posteriormente, no caso, para a tese de Doutoramento.

Assim, junto com as atividades de ensino na Universidade de Porto, comecei a ler a bibliografia sobre a pontuação, que era, aliás, limitada. Em meados dos anos 80, as referências de peso — pois os poucos tratados não podiam guiar-me, visto que a proposta é meramente prescritiva — resumiam-se às atas de um congresso sobre pontuação, ocorrido em 1979, cujos artigos mais relevantes foram publicados na revista *Langue Française* em 1980. No

entanto, o entusiasmo que se deixa talvez manifestar entre as linhas não pode esconder as dificuldades reais encontradas à medida que eu avançava nas leituras. De um lado, perante a variedade das classificações das funções da pontuação — estas sendo decorrentes das opções teóricas que se expressavam (que, aliás, continuam se expressando até hoje), sobretudo, em torno da relação entre os sinais de pontuação e a fala —, era preciso tomar posição, já que o estudo sobre os romances de Robert Pinget ia depender em parte disso. Estava recebendo uma grande quantidade de informações apresentadas em razão dos pontos de vista respectivos, e foi longo o tempo de amadurecimento até eu encontrar uma posição teórica que fosse satisfatória para mim. De outro lado, e paralelamente, precisei procurar uma base sedimentada em lingüística do discurso, pois me parecia impossível não ligar a pontuação, no nível de seu emprego, a uma prática enunciativa.

Em maio de 1986, meu orientador para a dissertação de “Maîtrise”, o Prof. Dr. Jean-Claude Liéber, defendeu a tese de “Doctorat d’Etat” intitulada *Réalisme et fiction dans l’œuvre de Robert Pinget*. Isso foi um fato notável, pois era a primeira tese desse nível sobre a obra de Robert Pinget, além de ter sido orientada pelo professor Jean-Pierre Richard, crítico renomado em estudos literários. Convidada a assistir a defesa por Jean-Claude Liéber, com quem me encontrava periodicamente, fiquei muito interessada não só em observar os rótulos formais de uma defesa, mas também em ouvir pontos de debate em torno da obra do autor. Ademais, foi mais uma oportunidade para encontrar Robert Pinget, que, naquela época, já havia se tornado um amigo. Com efeito, a amizade, que começara durante aquela semana que juntos passamos na Polônia, reforçou-se ainda mais quando eu morei em Paris. O encontro propiciou uma entrevista informal sobre a pontuação, assunto sobre o qual ele demonstrava muito interesse.

## Paris, 1986-1989

### A interdiscursividade de uma pontuação

O três anos passados em Paris foram dedicados à redação da tese de Doutorado, alternada com leituras.

Na França, a relação que liga o orientador e o orientando é muito diferente da do Brasil, além das diferenças intransponíveis decorrentes do gênio e da situação específica de cada um dos interessados. Qualificarei essa relação como mais flexível. Em relação à experiência de orientanda, devo dizer que o sentimento geral foi bastante positivo, ainda que algumas dificuldades tenham se interposto no percurso. A professora Julia Kristeva sempre manifestou total apoio tanto em relação à escolha do autor, quando ingressei no ano de D.E.A., quanto à escolha do assunto para a tese de Doutorado. Nossos encontros foram sempre muito cordiais e calorosos. Sou-lhe grata por isso. Entretanto, ela me deixava completamente livre na condução da redação, limitando-se a fazer, conforme eu ia lhe entregando as partes já escritas, uma avaliação cujo teor, embora muito positivo, não podia dispensar, a meu ver, uma relação mais aprofundada de sua parte e, sobretudo, dispensar esboços de caminhos para o prosseguimento do estudo. Em outros termos, beneficiei-me bastante da sua alta competência, quanto à avaliação, apenas, e não quanto às trilhas a serem seguidas. Fazendo hoje um balanço disso tudo, creio que esse problema “estrutural” na verdade tem um peso menor em relação a tudo o que Julia Kristeva pôde me proporcionar, tanto no plano intelectual quanto no pessoal.

Herdeira de Mikhaïl Bakhtin, que ela lera em russo numa época em que ele ainda não era traduzido, Kristeva formalizou e divulgou a noção de intertextualidade, introduzida desde sua tese de “Doctorat de 3<sup>e</sup> Cycle”, *Le texte du roman*, publicada em 1970. Os dois livros, *Semeiotikè. Recherches pour une sémanalyse* (1969) e *La Révolution du langage poétique* (1974) são, para mim, verdadeiros sinalizadores. O conceito de “significância”, apoiado pela distinção feita entre o “*genotexto*” e o “*fenotexto*”, parece-me

particularmente notável, pois consegue, de forma muito esclarecedora e convincente, interligar o corpo, o simbólico e a sociedade.

No plano pessoal, a figura da Julia Kristeva me toca sensivelmente. Intelectual de renome internacional, ela nunca deixou de lado seu olhar de estrangeira; exilada de seu país natal, expressando-se doravante em uma língua outra, essas experiências políticas e existenciais fizeram que ela exercesse incansavelmente uma análise crítica dos fenômenos sociais, ou seja, que ela permanecesse na luta e na resistência (são suas próprias palavras), até no seu pensamento, o que não deixa de ser perceptível.

Assim, passei três anos no ritmo da redação da tese.

Dois passos importantes permitiram o início da redação. O primeiro diz respeito a algo muito simples, mas com resultados altamente significativos. Fiz um levantamento dos sinais de pontuação empregados nos romances de Robert Pinget que permitia entrever períodos distintos que se caracterizam, considerando o total dos romances (quatorze), pela redução cada vez maior do leque pontuativo. O segundo passo foi dado quando percebi que a redução da pontuação tinha uma relação direta com a maneira com que o autor dava forma aos numerosos discursos dos personagens-locutores. Assim, detinha o fio condutor: a seleção dos sinais de pontuação respondia aos moldes singulares dentro dos quais os discursos escorregam.

A tese de Doutorado, cujo título é *De la ponctuation au ton. Les romans de Robert Pinget*, pretende mostrar em que medida componentes da escrita, tais como a pontuação, a sintaxe e o ritmo, podem tornar-se agentes da criação estética na literatura e, no que diz respeito ao autor, em que medida esses componentes elaboram a tessitura do “tom”, palavra-chave e definidora da obra.

A tese compõe-se de quatro partes (16 |). A primeira delas procura fazer a apresentação das várias posições teóricas em concorrência nos anos 80, seguida de uma análise crítica das conseqüentes classificações das funções da pontuação, pois cada classificação orienta numa determinada perspectiva, que varia muito segundo o modelo proposto.

Depois de distinguir vários períodos pontuativos na criação romanesca do autor, no intuito de mostrar as profundas mudanças que

resultam disso, a segunda parte, que se concentra nas representações da interlocução, seja dual ou plural, trata da circulação dos discursos como sendo o objeto mais sensível do autor. Para isso, procuro mostrar como o apagamento progressivo dos sinais do discurso citado proporciona o aumento das possibilidades combinatórias dos discursos, e, conseqüentemente, da sintaxe e do ritmo.

A diluição dos limites interdiscursivos tem uma influência notável sobre o emprego dos outros sinais de pontuação, notadamente os sinais de modalização e a vírgula. Aponto, na terceira parte, as determinações da subpontuação, seja sobre a sintaxe, seja sobre a experimentação das categorias narrativas, pois a instância central do narrador-organizador tende a desaparecer.

Por fim, a quarta parte analisa a pontuação transfrasal e suprafrasal como organizadora da estrutura dos romances. A pontuação transfasal, que concerne à unidade paragrafada e o ponto, adquire um papel dominante no que destaco como o último período pontuativo, e consiste, juntamente com versões discursivas retomadas com leves modificações, em marcar cortes na narrativa assim como suas retomadas posteriores. Por isso qualifico essa pontuação como *trans-*. Quanto à pontuação suprafrasal que remete às partes em branco — parágrafo, capítulos e até partes —, mostro seu papel na construção geral do romance, definida como sintaxe narrativa intimamente ligada aos processos pontuativos nos níveis menores.

Durante esse período, publiquei dois artigos.

1- “Le mirage de l’aveugle: à propos de *Fable*, de Robert Pinget” enquadra-se na revista do French Department of the University of London, *La Chouette* (p.64-9) (17 |). Procuro mostrar ali como se geram mutuamente a micro e a macro estruturas do romance, e os temas do ver e do seu oposto, o do não ver. A dissociação entre as duas partes da narrativa, entre um olhar projetado para um exterior múltiplo e outro voltado para dentro e agarrado a um objeto único — o Livro — chega a uma visão desencantada do poder das palavras, pois destas não reflete a imagem do sujeito, então consagrado à perda da sua identidade, à sua reduplicação sempre fragmentária, desformada.

2- “Le drame selon Robert Pinget: un théâtre de dépossédés” é a publicação da conferência proferida nos Primeiros Encontros de Dramaturgia, intitulados “Tradução Dramática” realizado em Braga (Portugal), no mês de abril de 1987 (p.17-40) (18 l). Partindo da constatação segundo a qual as peças aparecem como transplantes no código teatral de temas ou fragmentos desenvolvidos nos romances, procuro mostrar como os temas retomados são explorados numa semiótica diferente.

O encontro foi organizado por Maria Regina Guimarães Abramovici, professora da Universidade de Porto e tradutora, a quem eu apresentara a obra de Robert Pinget durante minha permanência no Porto. O encontro propiciou a divulgação das peças do autor, pois permitiu a tradução em português, pela primeira vez, de três peças de Pinget: *Paralchimie*, *La manivelle* e *Architruc*, encenadas no Teatro Circo de Braga, e, no ano seguinte, no Teatro Municipal de Lisboa.

No decorrer dos dois anos acadêmicos de 1987-1988 e de 1988-1989, ainda, preparei o concurso nacional C.A.P.E.S. (*Certificat d’Aptitude au Professorat de l’Enseignement du Second Degré*), na especialidade de Letras Modernas. Trata-se de um dos concursos, junto com a *Agrégation*, que permitem a integração estatutária no corpo docente da Educação Nacional, no nível do Ensino Médio.

Será que a futura obtenção do título de Doutor não bastava? O fato é que quem se candidatava ao Ensino Superior apresentava o duplo perfil. “// *vaut mieux avoir plusieurs cordes à son arc*”, como se diz em francês.

A obtenção do C.A.P.E.S. compreende duas partes, a teórica e a prática, que se estendem por um ano cada. A primeira parte ocorre em duas etapas e consiste na preparação de provas escritas, que são quatro: a prova de “dissertação” de Literatura Francesa (sendo um concurso sem programa predefinido, qualquer autor ou crítico de qualquer época pode ser selecionado pela Comissão Organizadora); a prova de Língua (versão de Inglês, no meu caso); a prova de Francês Diacrônico; e, por fim, a prova de Estilística. Obtendo a média definida pela Educação Nacional, os candidatos prestam as

provas orais, que são a de Literatura Francesa (pede-se uma “*explication de texte*”) e a de Língua Estrangeira (pede-se um “*commentaire de texte*”). Realizei a parte teórica do concurso, respectivamente, em junho e julho de 1988 (19).

O ano acadêmico de 1988-1989 referiu-se à parte prática, que compreende dois estágios efetuados na sala de aula, um no nível do “Collège”, o outro no do “Lycée”. Entretanto, o candidato é, ao mesmo tempo, responsável por uma das classes na qual ele é estagiário, ou seja, ele ensina, com plena responsabilidade de professor, ao longo do ano numa dessas últimas. Sim, há nisso uma contradição, pois a lógica recusaria a conjunção do estatuto de estagiário com o de responsável. Mas a lógica recua perante a gestão do dinheiro público, sendo mais vantajoso empregar logo os estagiários. Isso não quer dizer que os estagiários fiquem “abandonados”, pois é nomeado pelo Ministério Nacional um “Conseiller Pédagogique”, lecionando no local, para dar apoio quando for preciso.

No meu caso, fui responsável por uma classe de 5<sup>o</sup>, no Collège Marie Curie, situado no município Les Lilas, periferia próxima de Paris. O segundo estágio, cuja duração estendeu-se do mês de fevereiro ao mês de maio de 1989, desenvolveu-se numa classe de “Seconde” do Lycée de Pantin, no município do mesmo nome, ao norte de Paris (20).

Pude vivenciar ali duas situações opostas. Na idade de doze anos, que era a média da classe de 5<sup>o</sup>, os alunos tinham já consciência, ainda que de maneira mais ou menos nítida, de que havia poucas perspectivas para eles. Sem cair numa espécie de angelismo, diria que essa percepção decorre mais da representação dada tanto pelo meio familiar quanto pelo meio escolar, do que de uma realidade factual, sobre a qual podemos, além do mais, agir no intuito de transformá-la através, sobretudo, da busca da qualidade das relações dentro da classe. A classe de “Seconde”, esta era considerada a melhor do estabelecimento: de opção literária, 70% dos alunos pretendiam entrar, depois do *baccalauréat*, na formação de Lettres Supérieures! Vale dizer que a maneira de ensinar depende, em grande parte, do público.

Enfim, um dia por semana era dedicado a cursos ministrados no Centro Pedagógico de Créteil. Houve cursos muito diversos, do cognitivismo

até o problema da ortografia, todos realmente proveitosos, pois todas as pessoas que fizeram intervenções eram especialistas na área.

A parte prática do concurso encerrou-se com uma prova didática em cada uma das classes, em junho de 1989.

Meu “Conseiller Pédagogique” era a professora Françoise Evrard, que lecionava também no Collège Marie Curie. Sou muito grata a ela não só pelas competências pedagógicas, graças às quais aprendi muito, mas também pela confiança e atenção constantes que demonstrava para com os alunos globalmente considerados, naquele estabelecimento da periferia, como apenas regulares. Sua humanidade assim como sua combatividade foram para mim uma lição de vida.



**São Paulo, 1989**

## **Os discursos da pontuação nas línguas**

Em julho de 1989, vim para São Paulo. Convém notar meu percurso até então, já que se caracteriza, a meu ver, pela dupla vertente (no nível dos estudos), e pela alternância (no nível dos períodos). Com efeito, pode-se observar que o objeto de meus estudos de pós-graduação foi a literatura; entretanto, a ótica de análise foi se tornando, cada vez mais, a da lingüística. Por isso, a minha tese de Doutorado não foi registrada na bibliografia das teses em Literatura, e sim, na das teses em Lingüística. Esse fato poderia, a rigor, surpreender seja literários, seja lingüistas, caso pensem que as duas disciplinas não têm pontos em comum, a não ser a linguagem. Mas esta última preencheria funções tão diferentes, quer se trate de literatura quer não, que, no final das contas, é exatamente como se as duas disciplinas não tivessem nada em comum.

Não compartilho essa visão, e não é a toa, por exemplo, que um poeta como Mallarmé tenha sido o primeiro a conceituar as “ciências da linguagem”. A separação estanque entre ambas as disciplinas não favorece nenhuma delas. Um estudioso em ciências da linguagem (e, aliás, em ciências humanas) se sacrificaria muito se não aproveitasse dessa formidável fábrica de linguagens que constitui a literatura; assim como o estudioso em literatura sofreria, a meu ver, uma redução notável na apreensão do fenômeno literário sem a percepção daquilo que suscita o escrito, condiciona-o, configura-o e atravessa-o sob a forma de não dito, ambivalência, ambigüidade, e, enfim, contradição. Por isso, considero que, tão logo lhe seja possível (e as oportunidades são freqüentes), o professor deveria apresentar esse dinamismo de interface em sala de aula.

Quanto ao nível dos períodos que se estendem desde o ano de “Maîtrise” até a finalização da tese de Doutorado, referi que estes se caracterizam pela alternância, isto é, pela ida e vinda entre uma dedicação exclusiva ao estudo e uma dedicação partilhada entre ensino e estudo.

Assim, tendo essas observações como pano de fundo, não fica difícil imaginar até que ponto as condições quando cheguei a São Paulo, em julho de

1989, eram diferentes daquelas quando fui para Lublin e, mais tarde, o Porto. No tocante aos títulos, possuía a titulação do C.A.P.E.S. e estava finalizando a redação da tese de Doutorado. Com efeito, restava-me a conclusão, redigida no decorrer de julho e agosto de 1989. O ponto final da redação coincidiu (na verdade, precedeu de dois dias) com o nascimento de Gala, minha primeira filha, nascida em 7 de setembro de 1989. Sete de setembro voltado para o Brasil, 1989 voltado para a França por força do bicentenário da Revolução Francesa: uma conjunção de datas simbólicas, datas comemorativas em ambos os países concentradas no que se tornaria data do aniversário de Gala. Quanto ao estatuto administrativo, como eu fazia parte do quadro do Ministério da Educação Nacional francês, era obrigada (e ainda sou) a pedir um afastamento no caso de permanência em outro país. De julho de 1989 até fevereiro de 1993, permaneci afastada por razão familiar ("*congé parental*"); a partir do meu ingresso na USP, meu estatuto passou a ser o de afastamento administrativo.

Defendi a tese de Doutorado no dia 26 de janeiro de 1990. Fizeram parte da Banca Examinadora os professores doutores Julia Kristeva — Universidade de Paris VII (orientadora), Michel Arrivé — Universidade de Paris X, e Jean-Claude Liéber — Universidade de Tours. Fui aprovada com a menção "Très honorable" (21).

Não há dúvida de que a defesa da tese de Doutorado marcou o fim de uma fase muito rica e coroada, no meu imaginário, de todas as qualidades possíveis. Com efeito, o que seria melhor que estudar, mergulhar nos livros e nas trocas com os professores e os colegas, levando uma vida sem outras preocupações, uma vida boêmia, uma vida, enfim, privilegiada entre todas? E as duas primeiras estadas no exterior, durante as quais lecionava simultaneamente aos meus estudos, foram vivenciadas como acréscimo, como um enriquecimento suplementar na minha vida de pós-graduanda.

Quando ingressei na USP, o Departamento de Letras Modernas não era desconhecido, da mesma forma que os docentes da Área de Francês já me conheciam, pois, no período entre 1990 e 1993, eu já ministrara aulas nesta instituição, como segue:

1- Língua Francesa V (FLM 330) e Língua Francesa VI (FLM 331) (8 horas semanais) (22);

2- A partir de 1991, aulas de Atualização ou de Difusão Cultural, no caso, “Técnicas de comunicação em francês” — 2º semestre (68 horas) (23).

3- Os dois cursos seguintes foram ministrados junto com vários docentes da área:

3.1.- “Curso de aperfeiçoamento lingüístico e abordagens metodológicas do ensino-aprendizagem do Francês Língua Estrangeira” — 2º semestre de 1992 (3 horas) . Organizadora: Profª Drª Maria Sabina Kundman (24-a);

3.2.- "O moderno romance francês" – 2º semestre de 1992 (2 horas). Organizadoras: Profªs Drªs Glória Carneiro do Amaral e Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto (24-b).

Fora da USP, participei, nesse período, de dois eventos:

1- A comunicação “Les claques de la culture, écoutes du potin” foi apresentada no Seminário “Français Instrumental et les Cultures Étrangères”, PUC-SP, setembro de 1992, e publicada na revista do Departamento de Francês da PUC-SP, *Rencontres*, nº2, em outubro de 1992 (25-a) e (25-b |);

2- Na ocasião do XI Congresso Nacional de Professores de Francês, no mês de março de 1993, em João Pessoa, proferi a conferência “La ponctuation en français: description énonciative” (26);

3- No mesmo evento, dei um minicurso “La production écrite d’un texte long: des romans d’amour à l’USP” (1 hora), que relatou as razões pelas quais pretendia levar os alunos a produzirem uma redação de fôlego, os procedimentos aplicados para obtenção do projeto e, por fim, os resultados quanto aos progressos na aquisição da escrita (26).

No mês de fevereiro de 1993, passei pelo Processo Seletivo para Professor Doutor, MS-3 em R.D.I.D.P., para o Curso de Língua e Literatura Francesa do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo

(27). Desde então, passaram treze anos. Nesse período, os fatos, eventos e fazeres se multiplicaram.

Ao considerar as atividades de ensino na Graduação, ministrei cursos predominantemente nos quatro últimos semestres. A partir de 2001, comecei a dar aula para os alunos de 1º e 2º anos: LFII em 2001; LF III em 2002; LF I em 2003; LF III e LF IV respectivamente em 2005 e 2006. Além dessas turmas, meu ensino se dirigiu ao 3º e ao 4º anos. Assim, desde minha contratação, dei aula 6 semestres em LF V, 4 semestres em LF VI, 7 semestres em LF VII e 7 semestres em LF VIII.

No segundo semestre de 2000 e de 2003, não ministrei aulas por ficar de Licença-Prêmio. Entretanto, ao longo do segundo semestre de 2003, dei continuidade à coordenação do Programa de Pós-Graduação e participei de todas as reuniões da área, além das orientações e bancas. Os dois semestres foram aproveitados para redigir de maneira mais contínua a tese de Livre-Docência.

No segundo semestre de 1993, fui credenciada em nível de Pós-Graduação. Assim, ministrei os seguintes cursos (28a):

### **Na USP**

1- O primeiro, intitulado “A voz, a escritura e a ficção” (FLM 754), buscou mostrar a interligação entre o ritmo e a questão da voz, marca da origem (1º semestre de 1994) (48 horas/aula).

2- O curso “A voz sobre a folha: uma estética literária” (FLM 770), concentrou-se sobre a poética da voz (1º semestre de 1995) (48 horas/aula).

A questão da voz na escrita sempre me fascinou, pois parece-me estar ligada àquilo que se tem de mais profundo, mas também, creio, porque manifesta a presença do corpo (aponta-se, aqui, uma espécie de paradoxo instigante). De todo modo, a voz parece-me ser o ponto crucial no qual se encontra o simbólico, cuja construção histórica integra tanto a linguagem quanto o corpo. Talvez seja por isso que as análises de Julia Kristeva e de Henri Meschonnic são, para mim, muito valiosas, e me tocam de perto.

3- O curso “Pontuação e processos redacionais” (FLM 782) analisou a aquisição da pontuação, por um lado, e, por outro, as modalidades de

interação entre a pontuação e os demais parâmetros da escrita ao longo do processo redacional (1º semestre de 1996) (48 horas/aula).

4- Junto com a Profª Drª Glória Carneiro do Amaral ministrei o curso sobre “Duas perspectivas poéticas: Baudelaire e Mallarmé” (FLM 784) (2º semestre de 1996) (48 horas/aula).

A professora Glória Carneiro do Amaral encarregou-se da obra do poeta Baudelaire, enquanto a de Mallarmé ficou sob minha responsabilidade. Depois de ter analisado as condições de possibilidade da escritura moderna (epistemológicas e históricas), a contribuição contemplou a sintaxe mallarmeana, a partir de vários *Sonnets* e de *Un coup de dés*, pois é o ponto central da sua poética, na medida em que, nesse poeta, a sintaxe cumpre a missão de alcançar a espiritualidade.

Poderíamos nos perguntar sobre as razões desse curso. Direi que ao longo dos meus estudos, Mallarmé foi e continua sendo uma das leituras mais retomadas e um objeto de reflexão cada vez mais freqüente, pelo menos até a redação da tese de Doutorado. Isto, pelo fato de o poeta ser um verdadeiro pensador da linguagem, além de ser o fundador de uma concepção do ritmo que, longe de tornar-se velha, vem se confirmando nas obras poéticas e literárias, assim como na crítica (refiro-me aos trabalhos de Henri Meschonnic, principalmente).

5- Em 1999 (1º semestre), curso “Pontuação e processos redacionais” (FLM 5053) (72 horas/aula) (28b).

6- Em 2001 (1º semestre), “Textos de hoje: entre a escrita e a imagem” (FLM 5138) (72 horas/aula) (28b).

7- Em 2005 (2º semestre), “Didática da gramática e educação linguageira”, junto com o Professor Visitante Patrick Dahlet, da Universidade das Antilhas e da Guiana (FLM 5232) (72 horas/aula) (28c).

7- Participei, ainda, de um curso de Pós-Graduação na USP intitulado “Discurso, enunciação e significação” (FLL 721) (2º semestre de 1995), cuja coordenação coube à Profª Drª Elisabeth Brait (Departamento de Lingüística — FFLCH). A intervenção abrangeu a “Sintaxe, enunciação, pontuação” (3 horas/aula) (28d).

### **Fora da USP**

8- Em outubro de 1995, “Sentido, sintaxe, pontuação e ritmo” (4 horas/aula) por ocasião do II Seminário de Estudos Avançados dirigido aos alunos de Mestrado em Lingüística, da Universidade Federal de Santa Maria-RS (29).

9- Em outubro de 1999, “Produção e recepção da pontuação”(15 horas/aula), Departamento de Educação, Universidade Federal Do Rio Grande do Norte (30).

### **No exterior**

A título de “Professora Convidada”, ministrei nove cursos de Pós-Graduação (nível D.EA./ Diploma de Estudos Aprofundados), no quadro do Programa de Formação de Doutores da Caraíba, da América Latina e da América do Norte, seção Francês Língua Estrangeira, na Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade das Antilhas e da Guiana.

10- “A pontuação e o sentido na aprendizagem da escrita em Francês Língua Estrangeira”, janeiro-fevereiro de 1996 (15 horas) (31).

11 - “Pontuação e estruturação dos escritos em Francês Língua Estrangeira”, janeiro-fevereiro de 1997 (15 horas) (32).

12 - “Pontuação e aquisição das línguas”, janeiro-fevereiro de 1998 (12 horas) (33).

13- “Pontuação e semântica”, janeiro-fevereiro de 1999 (20 horas) (34).

14- “A pontuação na construção de uma língua”, janeiro de 2000 (22 horas) (35).

15- “Perspective théorique de la ponctuation. Fonctions et champs d'intervention”, 19 de abril a 3 de maio de 2001 (15 horas) (36).

16- “Apprentissage et didactique de l'écrit en FLE”, janeiro de 2004 (20 horas) (37).

17- “Didactique de la grammaire et apprentissage des langues”, janeiro/fevereiro de 2005 (30 horas) (38).

18- “Didactique de la grammaire et apprentissage des langues“, janeiro/fevereiro de 2006 (25 horas) (39).

Enfim, em 2005 e 2006, ministrei juntamente com outro professor um curso em nível de Maîtrise (quarto ano de graduação), intitulado “Théories linguistiques et théories de la communication” (30 horas/aula e 25 horas/aula respectivamente), para alunos de Letras que têm como especialização o francês Língua Estrangeira (38) e (39).

No âmbito do Projeto CAPES/COFECUB (n. 156/94)<sup>\*</sup> entre o DL et a Área de Francês do DLM da USP, por um lado, e, por outro, o DL da Universidade de Paris X-Nanterre, ministrei ainda os seguintes cursos (53):

19 – “Ponctuation et pragmatique”, dezembro de 1998 (3 horas/aula)

20 – “Ponctuation et acquisition des langues”, dezembro de 1998 (3 horas/aula).

O ano de 1996 significou uma mudança na minha pesquisa: tanto para a instituição quanto para mim mesma, senti a necessidade de orientar-me para a pontuação na escrita em língua estrangeira. Na verdade, não se trata de uma decisão tomada de repente. Essa nova direção resultou da experiência e, conseqüentemente, da reflexão que me trouxeram os alunos de Graduação, pois, sem dúvida, a sala de aula constitui um espaço no qual se aprende de maneira recíproca: os alunos, do docente; e o docente, dos alunos. De fato, uma vez que os cursos se baseavam na escrita, sempre solicitei aos alunos longos escritos, no caso, sob forma de romance. As várias práticas de pontuar aí observadas chamaram minha atenção para o que acabou se concretizando, a partir de 1996, em objeto de análise.

Assim, lancei-me nesse campo. Meu trabalho de pesquisa procurou analisar a pontuação nos seguintes níveis:

1- como marca de trabalho cognitivo (perspectiva psicolingüística);

2- no plano do texto, no seu papel de segmentação e de hierarquização do *continuum* da escrita, ou seja, no seu papel de construtor do sentido;

3- na sua dimensão pragmática, já que existe uma determinada pontuação que, voltada para o leitor, fornece de antemão instruções de leitura;

---

<sup>\*</sup> Falarei mais detalhadamente desse acordo em tempo hábil.

Percebe-se, por um lado, a mudança de *corpus*, pois a análise seleciona escritos comuns (em oposição aos escritos literários); por outro, uma abertura do leque, já que estava sendo levada a observar a pontuação em língua materna e em língua estrangeira.

Os dois últimos cursos constituem prolongamentos dos resultados da pesquisa sobre a pontuação.

Por se situar sob a luz da materialidade do escrito, o curso ministrado em 2001 explora o espaço gráfico, cujos elementos são entendidos como complementação da pontuação, quando se contempla a totalidade dos componentes não alfabéticos que integram o escrito para dar-lhe forma e sentido. Em outras palavras, tratou-se de analisar os componentes do escrito que, apesar de não engajar a ordem semântico-referencial, participam da construção do sentido. Essa vertente do escrito, que mostra em que medida procede de determinações materiais historicamente situadas, precisa ser mais analisada, pois o papel da materialidade do escrito enquanto produtora de sentido fica pouco percebido.

Quanto ao curso sobre a didática da gramática e a educação linguageira (2005), foi conceituado no final de um percurso que começou pela análise das metodologias e metalinguagens adotadas nas gramáticas quando se tratava de apresentar e explicar a pontuação. O interesse se expandiu para o conjunto das categorias levantadas pelas gramáticas, em vários de seus desdobramentos possíveis. Citarei os pressupostos acionados, as representações subjacentes, os modos de recortar a língua, as metodologias. Enfim, todos esses desdobramentos possuem um interesse não somente epistemológico, como, também, didático, que, por sua vez, vai ao encontro de minha atividade de ensino.

Como se percebe, os cursos de pós-graduação ministrados na Universidade das Antilhas e da Guiana seguem as mesmas etapas desse percurso de pesquisa.

### **Cursos para o teste de proficiência, de Atualização, de Extensão Cultural ou de Difusão Cultural**

A partir de 1993, ministrei os seguintes cursos:



1- No Centro de Línguas, o “Curso preparatório para o teste de proficiência em Língua Francesa” (2º semestre de 1993) (44 horas). Organizadora: Profª Drª Diva B. Damato (40). No nível institucional, a intenção era avaliar as possibilidades de desenvolvimento, através do número de interessados, do Centro de Línguas, que para a Área de Francês é considerado crucial no apoio à comunidade discente da Universidade. Sabe-se que há um grande número de alunos que precisam compreender e mesmo falar a língua francesa, pois as bibliografias nessa língua são numerosas, assim como são numerosas as bolsas de Doutorado para a França.

2- “A voz, a escrita e a ficção” (1º semestre de 1994) (72 horas) (41).

3- “A voz sobre a folha: uma estética literária” (1º semestre de 1995) (72 horas) (42).

4- “Pontuação e processos redacionais” (2º semestre de 1996) (48 horas) (43).

Os itens 2 a 4 remetem a cursos de pós-graduação que foram também validados como cursos de difusão cultural.

5- Acrescente-se a isso uma intervenção (4 horas) no Curso de Extensão Cultural organizado pela Profª Drª Maria Sabina Kundman (2º semestre de 1996), intitulada “Curso de atualização lingüística e metodológica para professores de Francês” (44).

#### **Minicursos e ateliês:**

1- “La ponctuation dans l'apprentissage du F.L.E.” — XII Congresso Nacional de Professores de Francês, julho de 1995, ocorrido na Universidade de São Paulo (8 horas) (45).

2- “Pontuação e procedimento redacional” (a parte “Enunciação, mídia e interdiscurso” sob a responsabilidade da Profª Drª Elisabeth Brait, do Departamento de Lingüística da FFLCH-USP), por ocasião do I Seminário de Lingüística e Língua Portuguesa, ocorrido na Universidade Federal de Goiás, em setembro de 1995 (8 horas) (46).

Ministrei ateliês dirigidos a públicos de fora da comunidade da USP.

3- Curso sobre a metodologia do ensino da escrita (4 horas), em março de 1998, no âmbito de um projeto de formação contínua dos professores de Francês da Rede Pública, organizado pela Associação dos Professores de Francês do Estado de São Paulo, pelo Bureau de Coopération Linguistique et Educative e pela Secretaria Municipal de Educação (47).

4- “Ponctuation et mise en page: entre l’écrit et l’image”, em fevereiro de 2000, por ocasião do Colóquio da Aliança Francesa/São Paulo (48).

5- “Le système verbal du français en perspective textuelle”, em fevereiro de 2003, por ocasião do Colóquio da Aliança Francesa/São Paulo (49).

6- “Le système verbal en français”, em outubro de 2002, no âmbito do estágio de aperfeiçoamento dos professores de Francês da Rede Pública promovido pela APFESP, Associação do Professores de Francês do Estado de São Paulo e pela Área de Francês do Departamento de Letras Modernas da USP (50);

7- “Le système verbal en français”, em novembro de 2003, no âmbito do estágio de aperfeiçoamento dos professores de Francês da Rede Pública promovido pela APFESP, Associação do Professores de Francês do Estado de São Paulo e pela Área de Francês do Departamento de Letras Modernas da USP (51);

### **Palestras**

Proferi as seguintes palestras:

1- Departamento de Letras Modernas, FFLCH/USP, 2º semestre de 1992, “Uma escrita para ser ouvida: os romances de Robert Pinget”, proferida no quadro do curso de Difusão Cultural: “O moderno Romance Francês”. Organizadores: Prof<sup>as</sup> Dr<sup>as</sup> Glória Carneiro do Amaral e Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto (52).

2- Universidade Estadual de Maringá, setembro de 1994, “Aspects de la ponctuation en français”, proferida por ocasião da II Jornada de Estudos Franceses (53).

3- Universidade Federal de Santa Maria-RS, outubro de 1995, “Escrito e oralidade”, proferida por ocasião da II Etapa do Seminário de Estudos Avançados (54).

4- Universidade Federal de Goiás, em novembro de 1996, “Lendo o texto jornalístico”, proferida durante o I Colóquio de Leitura do Centro-Oeste (55).

5- Universidade François Rabelais, Tours (França), julho de 1997, “Robert Pinget ou la ponctuation causeuse de voix. *Le Libera et Cette Voix*”, proferida por ocasião do Colóquio Internacional “Le chantier Pinget” (56).

6- Departamento de Letras Modernas, FFLCH/USP, agosto de 1998, “A pontuação de uma língua para outra: francês-português”, proferida durante o 14º encontro do Grupo Interdepartamental de Estudos Lingüísticos (57).

7- Universidade de Paris X-Nanterre, 8 de dezembro de 1998, “Pour une systémique de la ponctuation” (58).\*

8- Universidade de Paris III, 10 de dezembro de 1998, “Ponctuation française et ponctuation portugaise” (59).

9 - Instituto de Formação de Professores de 1ª à 4ª Séries do Ensino do 1º Grau/ Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, outubro de 1999, “A dimensão interativa da pontuação” (60).

10 – Universidade Estadual de Campinas, IEL, outubro de 2000, “Da pontuação normativa à pontuação enunciativa” (61).

11 – Universidade Nacional de Costa Rica, fevereiro de 2002, “La ponctuation” (62).

12 – Universidade Estadual de Maringá (PR), agosto de 2002, “Les langues et les politiques éducatives. Le cas du français dans le monde”, proferida por ocasião da VIII Jornada de Estudos Franceses organizada pelo Departamento de Letras desta Universidade (63).

13- PUC/LAEL, setembro de 2002, “A legibilidade integrada à visibilidade: uma história do escrito”(64).

14 – Universidade das Antilhas e da Guiana, janeiro de 2004, “Pontuação e enunciação”, no âmbito do ciclo das conferências organizadas pelo Laboratório do GEREC-F (65).

---

\* As conferências não seguidas de especificação resultam de convites ou de extensão de missão desvinculados de qualquer evento.

15 – Universidade de São Paulo, DLM/FFLCH, setembro de 2005, “Types de textes et genres de discours”, no âmbito do Seminário Acadêmico “Enseignement/apprentissage du Français Langue Etrangère em contexte institutionnel” organizado pela Profa. Dra. Sabina Kundman (66).

16 – Universidade das Antilhas e da Guiana, fevereiro de 2006, “Symbolisation et apprentissage des langues”, no âmbito das conferências organizadas pelo Laboratório do GEREC-F junto com o Instituto Superior de Estudos Francófonos (ISEF) (39).

### **Participação em congressos e outros eventos (com intervenção)**

Apresentei também as seguintes comunicações em Congressos e outras reuniões científicas:

1- “Pontuação, língua, discurso”, XLII Seminário do GEL, USP, 19-21 de maio de 1994 (67).

2- “As reticências entre o dizer e suas alterações”, na mesa-redonda “Enunciação e alterações do sentido”, XLIII Seminário do GEL, Universidade de Ribeirão Preto, 25 -27 de maio de 1995 (68).

3- “O dizer em silêncio: as reticências”, na mesa-redonda “Análise do discurso”, Primeiro Seminário Nacional de Lingüística e Língua Portuguesa, Goiás, 11-15 de setembro de 1995 (69).

4- “Uma noção bakhtiniana: a entonação entre texto e corpo”, na mesa-redonda “A voz e o corpo no texto”, Colóquio Internacional “Dialogismo: cem anos de Bakhtin”, USP, São Paulo, 16-18 de novembro de 1995 (70).

5- “Aquisição das línguas e pesquisas em pontuação”, Simpósio “Cooperação Inter-regional e Inter-universitária”, organizado pela The University of the West-Indies, Kingston, Jamaica, 13-14 de janeiro de 1997 (71).

6- “Pontuação, sentido e efeitos de sentido”, nas comunicações coordenadas: “Troca de formas e efeitos de sentido: da gramática ao texto e vice-versa”, XLV Seminário do GEL, na Unicamp, Campinas, 22-24 de maio de 1997 (72).

7- “L'enseignement de la ponctuation”, por ocasião do Congresso SEDIFRALE X, Cochabamba, Bolívia, 9 – 14 de novembro de 1997 (73);

8- “A introdução do ensino do crioulo nas Antilhas francesas: desafios e perspectivas”, Seminário Internacional “Ciência, Cientistas e a Tolerância”, realizado na USP, organizado pela USP e pela Unesco, São Paulo, 8-21 de novembro de 1997 (74).

9- XVIII Jornada do GELNE (Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste), “Discursos gramaticais e ensino da pontuação”, UFBA/Salvador, 4-6 de setembro de 2000 (75).

10- II Congresso Internacional da Abralín (Associação Brasileira de Lingüística), organização e participação da mesa-redonda “Estilo: enunciação, pontuação”. Título da intervenção: “O espaço gráfico gerador de estilo”, UFCE/ Fortaleza, 14 -16 de março de 2001 (76).

11- XLIX Seminário do GEL, “Um caso exemplar no debate entre escrito e falado: a pontuação”, Fundação Eurípides Soares da Rocha, Marília, 24-26 de maio de 2001 (77).

12- XII Congresso das Sedifrale (Sesiones para Docentes e Investigadores de francés Lengua Extranjera), “Le moi entre espaces et langues”, Rio de Janeiro, 3-7 de junho de 2001 (78).

13- Congresso Brasileira de Lingüística Aplicada da ALAB (Associação de Lingüística Aplicada do Brasil), “Para uma topologia do aprendiz escrevente, em língua materna e estrangeira”, UFMG/Belo Horizonte, 10-11 de novembro de 2001 (79).

14- XIII Congresso Internacional da ALFAL (Associação de Lingüística e Filologia da América Latina), “O espaço gráfico: um lugar de cooperação entre estilo e interação”, São José (Costa Rica), 18-23 de fevereiro de 2002 (80).

15- L Seminário do GEL, organização e participação da mesa-redonda “Abordagens cruzadas da pontuação”. Título da intervenção: “A paragrafação: uma atividade metadiscursiva”, USP, São Paulo, 3-5 de maio de 2002 (81).

16- 21ª Semana de Letras/ 7º Seminário Internacional de Língua e Literatura, “Culturas da identidade: o eu entre espaços e línguas”, Universidade

Federal de Santa Maria, Santa Maria (RS), 8-11 de outubro de 2002 (75) e (82).

17- XIII Congresso das Sedifrale (Sesiones para Docentes e Investigadores de Francés Lengua Extranjera), “Organiser son écrit en paragraphes: une activité métadiscursive”, Lima, Peru, 30 de maio-3 de junho de 2003 (83).

18- XIV Congresso Brasileiro dos Professores de Francês, “Faire des paragraphes: une problématisation de l’acquisition de l’écrit en LM et LE”, Belém/Pará, 3-7 de agosto de 2003 (84).

19- 14º Intercâmbio de Pesquisas em Lingüística Aplicada (INPLA), “A frase: um obstáculo nocional, uma dificuldade redacional”, LAEL/PUC-SP, 22-24 de abril de 2004, e coordenação do simpósio (85).

20- Simpósio Internacional *Escrever a vida: novas abordagens de uma teoria da autobiografia*, “A vida em forma de memorial, ou a invenção das memórias”, FFLCH/USP, 20-22 de setembro de 2005 (86).

21- XV Congresso Brasileiro dos professores de Francês, “Imaginaire identitaire des noms propres et apprentissage des langues”, no âmbito da mesa-redonda “Les échanges interculturels dans la pratique du français”, UFMG, Belo-Horizonte, 9-13 de outubro de 2005 (87).

#### Participação em congressos ou eventos **sem intervenção:**

1- XVII Encontro Nacional da ANPOLL, Gramado/RS, 24-28 de junho de 2002 (88).

- XVIII Encontro Nacional da ANPOLL, Maceió/AL, 10-13 de junho de 2003 (89).

- IX INCHOLS, 9ª Conferência Internacional de História das Ciências da Linguagem, USP/ UNICAMP, São Paulo/Campinas, 27-30 de agosto de 2002 (90).

- Colóquio “Roland Barthes, o Saber com Sabor”, organizado pelo Núcleo de Pesquisa Brasil-França do IEA, pela Área de Língua e Literatura Francesa/DLM da FFLCH/USP, São Paulo, 29 de setembro-1º de outubro de 2003 (91).

- 12º Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP, “O pressuposto, o implícito e a construção do leitor pelo texto/imagem em publicidades francesas”, co-autora: aluna de Iniciação Científica Amanda Dezerto Flausino, USP/SP, 22-24 de novembro de 2004 (92).

- 13º Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP, “Análise do tratamento da negação, da gramática de referência à sala de aula, passando pelo manual de ensino/aprendizagem”, co-autora: aluna de Iniciação Científica Eleonora Lamas Leandro Ribeiro, USP/SP, 22-24 de novembro de 2005 (93).

- 13º Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP, “O implícito e a construção do leitor nos textos publicitários franceses”, co-autora: aluna de Iniciação Científica Amanda Dezerto Flausino, USP/SP, 22-24 de novembro de 2005 (94).

### **Publicações em anais de Congresso**

A partir de 1993, ano de ingresso na USP, as publicações são as seguintes:

1- “Aspects de la ponctuation en français”, *Anais da II Jornada de Estudos Franceses*, Universidade Estadual de Maringá, 1994, p.109-21 (95 ).

Esse texto delinea a história da evolução das análises da pontuação, ao longo dos séculos, assim como dos diversos fatores — editoriais e técnicos, notadamente — que aos poucos a elaboravam, a fim de mostrar o fato de que as normas prescritivas não bastam para dar conta dos seus campos de atuação.

2 - “Ponctuation, langue, discours”, *Anais do Seminário do GEL*, XXIV, 1995, USP, p.337-40 (96 ).

Depois de mostrar os limites e a insuficiência de uma concepção que restringe a pontuação à língua, esse trabalho estabelece a necessidade de pensar a pontuação dentro do domínio da enunciação. Feita essa colocação, é possível atribuir-lhe funções além da de legibilidade.

3 - “O dizer em silêncio: as reticências”, *Anais do I Seminário Nacional de Lingüística e Língua Portuguesa, Discurso, Sociedade e Ensino*, Universidade Federal de Goiás, setembro de 1995, p.20-7 (97 ).

A comunicação nem sempre visa a completude e a univocidade. Orientado pela análise da construção do sentido, esse texto procurou integrar plenamente as reticências no processo enunciativo através da análise dos seus funcionamentos, que demonstram, da parte do enunciador, a busca da alteração do dizer.

4 - “Pontuação, sentido e efeitos de sentido”, *Anais do Seminário do GEL*, XXVIII, UNESP-IBILCE, São José do Rio Preto (SP), 1998, p.465-71 (98 |).

As marcas de pontuação e os signos lingüísticos operam juntos na construção do sentido. Esse texto elabora uma sistemática do seu funcionamento. Esboçam-se dois modos de ação da pontuação em relação com o enunciado, ou seja, o modo co-orientador e o modo des-orientador.

5 - “Les langues et les politiques éducatives. Le cas du français dans le monde”, *Actes de la VIII Journée d’Études Françaises*. Maringá: UEM, 2003, p. 9-29 (99 |).

A partir das instituições de incentivo à difusão do francês e de uma reflexão sobre a francofonia, o estudo procura mostrar em que medida as políticas educativas tentam promover o ensino de línguas, sendo essas políticas consideradas cada vez mais como necessárias para contrabalançar a hegemonia econômica e cultural do inglês.

6 – “Discursos gramaticais e ensino da pontuação”, *Revista do Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste (GELNE)*, nº2, vol. 3, Universidade Federal do Ceará, 2004, p.160-164 (100 |).

Depois de uma classificação dos sinais de pontuação baseada nas suas grandes categorias funcionais, essa contribuição procurou justificar as razões pelas quais é mais pertinente abordar os sinais não pela vertente do oral e sim pela do escrito na sua dupla relação com a visibilidade e com a pragmática, já que produzem sentido.

### **Publicações em periódicos**

As publicações foram os seguintes :



1- “Robert Pinget ou une écriture à écouter. L'exemple du *Libera*”, *Parcours en français. Percursos*, n.2, Centro de Estudos Franceses, FFLCH-USP, 1995, p.71-8 (101 |).

A partir da retomada de noções centrais acerca do ritmo, que promove a “*signifiance*”, estudo nesse texto o *incipit* de *Le Libera* para mostrar como a sintaxe e a pontuação, constituintes importantes do ritmo, operam de tal forma que o modo de significar domina os conteúdos significados.

2- “Escrever um romance em sala de aula”, *Linha d'Água*, n.9, Ed. Associação dos Professores de Língua e Literatura Portuguesa, USP, abril de 1995, p.41-5 (102 |).

Esse texto relata o projeto promovido com os alunos de Língua Francesa VI (2º semestre de 1993) com vistas à redação de um romance. Abrange a concepção global do procedimento, assim como sua metodologia. Já relatei aqui a aplicação desse projeto no meu ensino, em 1990. O projeto foi retomado em 1993, e sistematizado para os alunos do 3º ano até 1999.

3- “La voix de l'écriture, l'écoute du sens”, *Língua e Literatura*, n.21, DLM, USP, novembro de 1995, p.179-89 (103 |).

O estudo contempla a questão da voz da escrita literária à luz de duas perspectivas complementares. A primeira, apoiando-se no conceito de oralidade tal como é definido por Meschonnic, estabelece uma distinção entre sentido dado e sentido em formação que, via o ritmo, entende-se como a escuta de um ritmo que faz e dá sentido.

4 – “La ponctuation et les reprises de l'indicible”, *L'indicible et ses marques dans l'énonciation* (Jean-Jacques Franckel & Claudine Normand Orgs.). Paris: Revue des linguistes de Paris X, n° especial de LINX, 1998, p.21-29 (104 |).

Retomando a distinção entre pontuação co-orientadora e pontuação des-orientadora em relação ao enunciado, procurei mostrar que em toda prosa poética na qual o ritmo é perceptível por si mesmo, o modo de atuar da pontuação pode qualificá-la como des-orientadora.

5 - “Aquisição das línguas e pesquisas em pontuação”, *Linha d'Água*, n. 14, 1999. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, n. 14, p. 75-85 (105 |).

Esse texto preconiza a introdução da pontuação na didática das línguas estrangeiras. No entanto, para isso, é preciso voltar-se à aquisição. Assim, a análise da maneira como os alunos pontuam nas suas produções escritas possibilita perceber que sistematicidade empregam na reconstrução do mecanismo significativo da língua estrangeira.

6 - “Línguas minoritárias entre o simbólico e o político: o caso do crioulo nas Antilhas Francesas”. *Língua e Literatura*, n. 24, 1999, São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, p.121-130 (106 |).

Partindo do pressuposto de que as línguas minoritárias e a língua dominante veicular quase sempre coexistem de maneira problemática, se não abertamente conflitante, esse texto procura mostrar como uma intervenção política — a institucionalização do crioulo através do seu ensino — poderia contribuir para a reincorporação do eu no sujeito francófono-crioulófono das Antilhas Francesas.

7 - “A pontuação e sua metalinguagem gramatical”. *Revista de Estudos da Linguagem*, v.10, n.1, 2002, Belo Horizonte: FALE/UFMG, p. 29-41 (107 |).

Esse estudo analisa os pressupostos teóricos, assim como a metodologia adotada que guiam a apresentação, em cinco gramáticas do português, das regras de emprego dos sinais de pontuação. São apontados vários erros epistemológicos e uma grande heterogeneidade nos critérios que determinam a descrição dos fenômenos.

8 - “O proceder da pesquisa: quais as relações entre problemática, dissertação e *corpus*?”, *Letras*, n.21, 2002, Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Letras, p.127-132 (108 |).

No intuito de fornecer algumas direções sobre as relações entre a problemática, a redação de dissertação e o *corpus*, essa contribuição depreendeu três tipos de pesquisa: a pesquisa projetiva, a pesquisa confirmatória e a pesquisa inovadora.

9 - “Para uma tipologia do sujeito escrevente, em língua materna e estrangeira”, *Fragmentos*, n. 22, 2003, Florianópolis: Editora DAUFSC, p.41-48 (109 |).

A partir de narrativas redigidas, pelos mesmos alunos de 1º Colegial, em português língua materna e de narrativas redigidas em francês língua

estrangeira, o texto procura estudar, por um lado, quais representações os sujeitos se faziam da produção escrita em meio escolar, e, por outro, quais representações eles têm de si mesmos como *escriptores*, seja redigindo em língua materna seja em língua estrangeira.

10 –“Culturas da identidade: o eu entre espaços e línguas”, *Letras*, n. 26, 2003, Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Letras, p.21-28 (110 |).

Essa contribuição propõe um percurso da cartografia imaginária do eu, que se elabora a partir das representações que o eu tece entre os três pólos que são o eu/o outrem, as línguas e os espaços em função das línguas.

11- “Le mémorial et les je(ux) de la mémoire“, In *Chemins de formation au fil du temps*. Nantes : Universidade de Nantes, nº8, outubro de 2005, p. 172-177 (111 |).

Nesse artigo que se insere num número da revista dedicada às narrativas de vida, procurou-se analisar o memorial – que, salvo engano meu, não existe no exterior – na sua dupla dinâmica de resgate da memória e, de maneira paradoxal, de provedora de memória. Por sua própria natureza, essa dinâmica pluraliza a instância narrativa, criando nela desdobramentos.

A seqüência dos artigos publicados em periódicos, bem como a seqüência dos cursos de Pós-Graduação, aliás, mostram nitidamente dois enfoques que eram os principais enfoques até pouco tempo atrás. O primeiro pode ser considerado como a continuação da pesquisa iniciada no período da redação da tese, pois abrange o emprego da pontuação no texto poético. O segundo volta-se para diversas análises de fatos pontuacionais. Percebe-se que há muito mais artigos sobre aspectos teóricos do que artigos contemplando o papel da pontuação no contexto da aquisição da escrita em língua materna ou estrangeira.

Essa tendência deve-se ao fato de que era preciso desenvolver um dispositivo teórico e arrazoado sobre a pontuação, dispositivo esse preocupado com a constituição da maior coerência possível dos critérios de análise. Ao longo do tempo, a natureza desses últimos revelou-se muito distante da norma, pois foram a enunciação e a pragmática que vieram a se impor como fatores mais decisivos para a ocorrência dos sinais de pontuação. Assim, o conjunto dos artigos

constituiu um prosseguimento na pesquisa, que se encontra num ponto mais avançado se encontra na minha tese de Livre-Docência. Voltarei a falar a respeito mais adiante.

### **Publicações em livros**

1 – “A entonação no dialogismo bakhtiniano”, in Beth Brait (Org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*, Campinas: Ed. da Unicamp, 1997, p.263-80 (112 |).

Esse texto se fundamenta no artigo “Les frontières entre le poétique et le linguistique”, no qual o pensador russo dá primazia absoluta à entonação no dialogismo que vêm trazendo os enunciados. Depois de mostrar o complexo delineamento da sua reflexão, a análise aponta para uma ambigüidade no que concerne à passagem do discurso interior para o discurso exterior, pois a relação entre voz e corpo, que era de consubstancialidade, torna-se uma relação de contigüidade, de tal forma que a presença do corpo, a partir de um determinado limiar, perderia sua atuação.

2 - “La ponctuation causeuse de voix. *Le Libera et Cette Voix*, de Robert Pinget”, in Jean-Claude Liéber & Madeleine Renouard (org.) *Le chantier Robert Pinget*. Paris: Jean-Michel Place, 2000, p. 59-71 (113 |).

Esse texto desenvolve alguns pontos abordados na tese de Doutorado. Uma análise aprofundada da pontuação frasal e de parágrafo, notadamente, levou a demonstrar como o esvaziamento do sentido decorre do fato de as unidades discursivas serem colocadas, graças ao ato de pontuar de Robert Pinget, num nível de co-equivalência.

3- *Ponctuation et énonciation*. Guyane: Ibis Rouge Editions, 2003 (114 |).

O estudo tenta trazer uma sistemática da pontuação em francês, através da distinção em vários níveis de ocorrência: nível de palavra, de frase, e de texto. No âmbito de cada um desses níveis, tratou-se de depreender as funções dos sinais de pontuação, o que levou o estudo à conclusão de que estes últimos procedem mais de parâmetros enunciativos e pragmáticos do que da norma propriamente dita.

4- *As (man)obras da pontuação: usos e significações* (no prelo, publicação prevista pela editora para junho de 2006). São Paulo: Editora Humanitas, FFLCH/USP e FAPESP (115 ).

Trata-se, aqui, de uma versão remanejada da minha tese apresentada por ocasião do concurso de Livre-Docência. Nessa versão, voltada para um círculo de leitores mais amplo, acrescentei, no início de cada capítulo (desde que cabível), uma parte introdutória que estabelece um diálogo com as gramáticas normativas, de modo a fornecer pontos de referência conhecidos a partir dos quais a leitura pode ser facilitada, apoiando-se nos mesmos para prosseguir para análises de cunho exclusivamente lingüístico.

A proposta da tese, intitulada *A pontuação: regularidades e variações*, seguiu em paralelo a proposta desenvolvida para o estudo da pontuação em francês. A pontuação em português possui, evidentemente, suas próprias características. O interessante, porém, foi ver que essas características dizem menos respeito ao sistema em si, do que à interface pontuação/sintaxe, de um lado, e, de outro, ao uso da pontuação como modo de interagir com o leitor, sendo o parâmetro da pontuação considerado como modo de interagir predominante em relação ao parâmetro da interface sintaxe/pontuação.

#### **Organização de cursos e eventos:**

1- Curso de Atualização “Ler, escrever, conceber: métodos do texto em língua”, Elie Bajard e Patrick Dahlet, DLM/FFLCH, de 15 de março a 14 de junho, 1994 (72 horas) (116).

2- Seminário Inter-universitário “Língua de especialidade, diversidade das aprendizagens: métodos em francês instrumental”, Chantal Parpette, Universidade de Lyon II, de 25 a 27 de abril, 1994 (21 horas) (117).

3- Junto com o professor Alain Mouzat, Curso de Atualização “Les problèmes poétiques de la traduction”, Daniel Delas, Paris X-Nanterre, 15-17 de novembro de 1995 (32 horas) (118).

4- Curso de Pós-Graduação e de Difusão Cultural, “Analytique du langage et du dialogue” (20 horas/aula), Prof. Titular Jacques Coursil, Universidade das Antilhas e da Guiana, 18-28 de setembro de 2000;

organização das conferências do Professor na PUC/SP (LAEL) e na UNICAMP (LABEURB-NUDECRI), com o apoio da FAPESP (102). Convidei o Professor pela proposta teórica, muito interessante, da linguagem a partir de quem ouve, desenvolvida no seu livro *La fonction muette du langage*, Guyane: Ibis Rouge, 2000 (119).

5- Colóquio Internacional “Pesquisa, ensino de línguas estrangeiras e mercado: encontros e espaços”, de 3 a 6 de novembro de 1998, na USP, com o apoio da FAPESP e da CAPES. A Comissão Organizadora era composta das Prof<sup>as</sup> Dr<sup>as</sup> Beth Brait (DL-USP), Cristina Casadei Pietrarória (DLM-USP), Maria Adélia Ferreira Mauro (DL-USP), Maria Sabina Kundman (DLM-USP), Samira Nunes (DLM-USP) e eu mesma, também responsável pela Coordenação Geral (120) e (121).

Organizado no âmbito das atividades de cooperação promovidas pelo acordo CAPES/COFECUB, e inserido na seqüência do colóquio anterior sobre o dialogismo e a polifonia em Bakhtin, esse colóquio, que contou com a presença de 750 inscritos, teve o objetivo de promover uma reflexão sobre as relações entre os três pólos destacados, a saber, a pesquisa, as línguas estrangeiras e o mercado.

Em 1994, dois fatos significativos em termos de atividades de pesquisa merecem destaque aqui.

O primeiro refere-se mais a uma avaliação. Com efeito, o Ministério do Ensino Superior francês mudou, naquele ano, as modalidades de contratação dos professores universitários, estabelecendo uma seleção prévia à candidatura. Desse modo, a partir disso passa a ser preciso ser inscrito na lista de qualificação às funções de “Maître de Conférences” antes de se candidatar a uma vaga. Essa seleção exige a apresentação da tese de Doutorado acompanhada do relatório de cada um dos membros da banca, a lista das publicações, assim como o *curriculum vitae* circunstanciado. A documentação é submetida a pareceristas (122).

Pode-se perguntar sobre os motivos que me levaram a submeter-me a essa seleção, pois ingressara na USP havia apenas um ano. Para responder, talvez seja preciso considerar que, em 1994, eu residia no Brasil havia já cinco

anos. Nesse contexto, quis provar, primeiramente para mim mesma, que residir e trabalhar no Brasil significava não uma falta de opção, mas sim uma escolha. Além disso, considero ser de grande valia a exposição a instâncias avaliadoras diferentes.

Se esse primeiro fato referia-se aos anos anteriores ao de 1994, o segundo, que remete a um acordo CAPES/COFECUB, apontava para os anos posteriores. Com efeito, o projeto intitulado “Construção do sentido e aquisição das línguas” (n.156/94), coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Beth Brait (DL/FFLCH-USP), quanto à parte brasileira, e pelo Prof. Dr. Michel Arrivé, quanto à parte francesa, contava com quatorze professores de Língua do Departamento de Letras Modernas/Área de Francês e do Departamento de Lingüística da USP, e oito professores da Universidade de Paris X-Nanterre. Ao longo de sua vigência, foram realizados inúmeros intercâmbios entre as duas universidades: cursos de pós-graduação, bolsas “*sanduíche*”, missões e conferências.

Nesse período de frutífero intercâmbio, tive a oportunidade de cooperar, nesse acordo, com as seguintes atividades:

1- Coordenação da mesa-redonda “A voz e o corpo no texto”, por ocasião do Colóquio Internacional “Dialogismo: cem anos de Bakhtin”, realizado no Centro Universitário Maria Antônia, de 16 a 18 novembro de 1995 (123).

2- Coordenação geral do Colóquio Internacional “Pesquisa, ensino de línguas estrangeiras e mercado: espaços e encontros”, realizado na FFLCH-USP, de 3 a 6 de novembro de 1998 (120).

3- Missão na Universidade de Paris X-Nanterre, de 29 de novembro a 19 de dezembro de 1998, durante a qual, além de ter proferido uma conferência intitulada “Pour une systématique de la ponctuation”, ministrei um total de 6 horas/aula de pós-graduação sobre os seguintes temas:

- “Ponctuation et pragmatique” (6 de dezembro, 3 horas/aula);
- “Ponctuation et acquisition des langues” (14 de dezembro, 3 horas/aula) (59).

Colegas da Universidade de Paris X-Nanterre realizaram também várias missões na USP e com extensões em demais universidades (do Estado de São Paulo e de outros Estados). Nessa ocasião, assisti ao conjunto de

cursos de pós-graduação organizados no âmbito do acordo, na época validados também como Cursos de Extensão).

No ano acadêmico de 1995-1996, fui acolhida no Laboratório do C.E.R.A.L.E.C. (Centre d'Etudes et de Recherches Appliquées en Langues Etrangères de la Caraïbe) e do G.E.R.E.C-F. (Groupe d'Etudes et de Recherches en Espaces Créolophone et Francophone) da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade das Antilhas e da Guiana (124).

Os cursos de Pós-Graduação ministrados fazem parte das atividades desenvolvidas no quadro do C.E.R.A.L.E.C. (125).

Quanto às atividades desenvolvidas no G.E.R.E.C-F, as várias reuniões ocorridas nos anos anteriores foram completadas e reestruturadas através de reuniões semanais, no ocorrer dos meses de janeiro e de fevereiro de 1998 (as cinco reuniões totalizaram 15 horas (33) e (126). Nas três primeiras reuniões, tratou-se de apresentar uma teoria da pontuação — chamada por mim, hoje, uma sistemática — válida pelo menos para línguas próximas. As duas reuniões seguintes foram dedicadas ao levantamento dos problemas de pontuação em língua crioula de raiz lexical francesa. Depois de ter analisado vários tipos de textos em crioulo no intuito de identificar os pontos mais frágeis da pontuação, os professores especialistas de literatura e de língua crioula apresentaram-me, por sua vez, outros problemas encontrados a serem resolvidos.

Com efeito, o crioulo é maciçamente uma língua oral e, portanto, de pouca tradição escrita, o que já implica a ausência de convenções pontuativas — e, às vezes, ortográficas. Além disso, várias características — como o sistema escrito fonológico, o fato de ela ser analítica, a plurifuncionalidade de uma série de morfemas, ou ainda a formação das palavras — aumentam as dificuldades na resolução de convenções no que diz respeito à pontuação. Isso não quer dizer que o crioulo não possua gramáticas, pelo contrário, há várias gramáticas de peso. No entanto, até mesmos alguns autores destas (entre eles, o Prof. Dr. Jean Bernabé, que me convidara para dirigir as reuniões do Laboratório em que participava) confessam que a pontuação é a parte fraca das descrições da língua escrita crioula.



Minha colaboração – para a qual me sinto honrada – é, para mim, duplamente envolvente. Em primeiro lugar, as contribuições sobre a pontuação, a necessidade de dar convenções a uma língua (no caso, o crioulo) representam algo empolgante, pois proporcionam a sensação de participar ativa e voluntariamente da evolução dessa língua. Por que essa necessidade é sentida como cada vez maior? O contexto de bilingüismo nas Antilhas francesas (é aqui o segundo lugar a ser colocado) chegou a um ponto que requer um novo enfoque, quer do ponto de vista da própria língua crioula quer do ponto de vista político, tudo isso por meio da sua legitimação institucional, pelo viés do seu ensino.

Convém restituir, entretanto, o contexto para que se entenda em sua justa medida o que está ali em jogo. Quando conheci o G.E.R.E.C.-F., no decorrer do ano acadêmico de 1996, os membros já estavam atuando para que a língua crioula parasse de regredir (pois as novas gerações não estão interessadas em aprendê-la, por causa da imagem negativa transmitida pelos próprios pais, que a assimilam ora a um obstáculo para o controle da língua francesa – o que se tornou sinônimo de fracasso escolar –, ora à baixa condição social, intelectual, simbólica, tendo essa representação o pano de fundo a escravidão<sup>\*</sup>). Nessa perspectiva, as ações, além de institucionais (tratou-se de convencer o Ministério da Educação Nacional de criar o CAPES (Certificado de Aptidão ao Ensino do Secundo Grau) de crioulo ao lado do Concurso já estabelecido nas demais línguas minoritárias, como o bretão, o catalão, o còrsico), consistiam – e continuam a consistir – em publicar mais obras de descrição da língua crioula (gramáticas, tratados, manuais de aprendizagem da língua, manuais de redação, etc.), em coletar textos (romances, teatro, poesia) e publicá-los, às vezes junto a comentários ou análises. Ou seja, a meta era proporcionar ao crioulo uma visibilidade, inclusive editorial, suficientemente consistente em termos de textos em crioulo e sobre o crioulo, no intuito de prover a preparação ao concurso de um material de estudo constituído e legitimado.

Às vezes, as línguas precisam de decisões, voluntárias e firmes, no plano político e institucional, para não desaparecer. Assim, nesse contexto de

---

<sup>\*</sup> Lembro que as Antilhas Francesas (Martinica e Guadalupe) têm uma população 95% negra.

pouca tradição escrita, as atividades de pesquisa que pude desenvolver dentro do laboratório do G.E.R.E.C.-F. respondem à necessidade dos pesquisadores e teóricos da criouliidade de ater-se a uma padronização da escrita dessa língua e, nesse movimento, à necessidade de (às vezes literalmente) inventar sinais de pontuação.

Foi planejada a elaboração de um livro sobre a pontuação em crioulo. Porém, como meus colegas do G.E.R.E.C.-F. não ignoravam que eu estava redigindo minha tese de Livre-Docência sobre a pontuação em português (a partir, portanto, do 2º semestre de 2000), eles pediram-me para que eu faça o mesmo para o francês, já que, para este idioma, faltava também um estudo que proporcionasse uma visão geral das funções e dos valores dos sinais de pontuação e que servisse de base comum para a análise e a redação do estudo da pontuação em crioulo. Sem perder de vista minha prioridade teórica e institucional que era a redação de tese em vistas ao concurso de Livre-Docência, iniciei, em paralelo, a redação do estudo da pontuação em francês. No fim de setembro de 2003, o responsável pelas publicações do G.E.R.E.C.-F. (mais conhecido como autor de quase vinte romances, aos quais acrescentam-se os ensaios), Raphaël Confiant, convidou-me a entregar meu manuscrito ao editor antes do fim do ano, pois a verba de cujo o Laboratório dispunha até 31 de dezembro de 2003 permitia o financiamento da publicação, na editora Ibis Rouge, de *Punctuation et énonciation*. Não poderia, claro, deixar passar a oportunidade, pelo interesse científico e internacional e pela amizade que tenho para com os pesquisadores da criouliidade. Além disso, vale notar esse fato curioso, ou pelo menos inesperado, que residiu no valor por assim dizer heurístico dessa extensão para o francês, e com pano de fundo, para o crioulo, já que possibilitou consolidar o modelo de pontuação, bem como a descrição da pontuação do português.

A redação do estudo sobre a pontuação em crioulo, que está na sua primeira fase, basear-se-á no sumário que submeti à aprovação da equipe do GERECF (nominalmente, aos Professores Jean Bernabé e Raphaël Confiant) (127). Entretanto, não posso esconder a dificuldade que enfrentamos, pois seria preciso ficarmos juntos por um período de três meses (mais ou menos isso, visto as pesquisas anteriores que já levamos a cabo) para dedicarmo-nos

quase que integralmente à elaboração e redação do estudo. De modo que o projeto avança menos rápido do que o desejável.

Enfim, talvez não seja preciso acrescentar que a conceitualização teórica desenvolvida em ambos os livros insere-se na seqüência da pesquisa original iniciada pouco tempo depois da minha chegada ao Brasil (de fato, antes disso, estudava a pontuação na literatura) e cujos primeiros resultados foram publicados exclusivamente em revistas brasileiras, considerando-se que todos os meus dados e a base da teorização eram em português.

### **Orientações**

As **orientações concluídas** são quatro, sendo três em Iniciação Científica (2 com bolsa da Fapesp e uma com bolsa PIBIC/FFLCH), uma em nível de Mestrado e uma em nível de “DEA” (Diploma de Estudos Aprofundados), junto com a Universidade das Antilhas e da Guiana:

1- Iniciação Científica: “O aprendizado da pontuação na língua francesa como língua estrangeira no Brasil” — Biago Maurio Avena, de novembro de 1994 a agosto de 1995, parecer positivo da FAPESP (128).

2- Iniciação Científica: “Pontuação e processos redacionais em Francês Língua Estrangeira” — Augusta de Magalhães Carvalho de Moraes, com início em 1º de novembro de 1997 e conclusão em 1999, ou seja, um ano a mais do que a duração padrão, pois o parecerista da FAPESP recomendou o prosseguimento da pesquisa (129) e (130).

3- Iniciação Científica – “O pressuposto, o implícito e a construção do leitor pelo texto-imagem em publicidades francesas” - Amanda Dezerto Flausino, com início em agosto de 2004 e termino em junho de 2005 (Bolsa PIBIC/FFLCH) (92).

4- Dissertação de Mestrado: “L’interaction verbale en situation didactique: Nature(s) et fonction(s) de l’acte de question” — Nathalie Dessartre, com início em março de 1996 e defesa em 22 de setembro de 2000. A interessada foi bolsista do CNPq de setembro de 1996 a agosto de 1998 (131).

5- “Mémoire de DEA”: “ Production de textes narratifs et explicatifs chez des apprenants hispanophones de FLE en milieu universitaire: une

proposition pour améliorer la compétence communicative à l'écrit" (Produção de textos narrativos e explicativos de aprendizes hispanofônicos de FLE [Francês língua estrangeira] em contexto universitário : proposta para melhorar a competência comunicativa na escrita" – Líbia Justo (Professora de Língua Francesa junto ao Departamento de Francês da Escola de Línguas Modernas/Universidade das Andas, Venezuela), Universidade das Antilhas e da Guiana (132).

Quanto às **orientações em andamento**, são uma em nível de Iniciação Científica, quatro em nível de Doutorado e 7 em nível de DEA (112):

6- Iniciação Científica – “Análise do tratamento da negação, da gramática de referência à sala de aula, passando pelo manual de ensino/aprendizagem” – Eleonora LAMAS Leandro Ribeiro, com início em agosto de 2005 (Bolsa PIBIC\*/CNPq) (93).

7- Doutorado – “A obra aberta de Marguerite Duras: semiótica plural em *India Song*” – Maurício Oliveira Santos (início: julho de 2002) (133).

8- Doutorado – “O papel da gramática no ensino de língua estrangeira” início: julho de 2002 – Maria Elisabeth Vitullo (início: julho de 2002) (133).

9- Doutorado – “Gramáticas de referência brasileiras e francesas: quais as divergências nas abordagens da língua e nas metodologias em presença?” – Lúcia Helena Ferreira (início: agosto de 2004) (133).

10- Doutorado – Tema: Análise comparativa das retóricas em textos argumentativos em português (Brasil) e em francês – Débora Raquel Massmann Eleodoro (início: agosto de 2005) (133).

Os orientandos ingressos em 2002 já fizeram o Exame de Qualificação. A pós-graduanda Maria Elisabeth Vitullo prestou seu Exame de Qualificação em março de 2005 (134a). Quanto a Maurício Oliveira Santos, depois de se submeter ao Exame de Qualificação em nível de Mestrado, foi aconselhado, por unanimidade, a passar diretamente para o Doutorado (134b). Assim, o aluno passou o Exame de Qualificação em nível de doutorado em

---

\* PIBIC: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

agosto de 2005, e a defesa da sua Tese de Doutorado ficou marcada para o mês de agosto de 2006 (134c). O Exame de Qualificação da aluna Lúcia Helena Ferreira ocorrerá em setembro de 2006.

Aglaé Terezinha Moro Ribas deu início a sua tese de doutorado em fevereiro de 2002. Ela não pôde prosseguir seu projeto, a doença a cercou e venceu. A Aglaé nos deixou em janeiro de 2005.

No tocante às orientações, resta ainda fazer alguns comentários. Gostaria de ter mais alunos em Iniciação Científica, pois considero essa fase de grande valia para o aluno, além do fato de que constitui uma excelente adaptação para a fase posterior na pós-graduação. Infelizmente, apesar da redução drástica do número de bolsas para a I.C. por parte da FAPESP, o número de bolsas oferecidas pelo CNPq para o meu Departamento não aumentaram. A situação concerne a toda a Faculdade, de modo que, no intuito de reverter o quadro, a FFLCH criou as bolsas FFLCH/IC. E, para ampliar ainda mais a formação dos alunos de graduação, foi implementado em 2002 o TGI (Trabalho de Graduação Individual), procurando proporcionar aos alunos de Iniciação Científica não bolsistas, assim como aos respectivos orientadores, o reconhecimento institucional mediante avaliação de seu trabalho de pesquisa.

Assim, a Faculdade e a Universidade de São Paulo como um todo, junto com o CNPq, empenharam-se no desenvolvimento da pesquisa em nível da graduação (com toda razão, já que essa política busca a precoce formação de excelência dos alunos, da qual espera-se o fortalecimento da pesquisa no país), dando à Iniciação Científica um estatuto igual ao da Pós-Graduação, mediante a introdução da Menção Honrosa para trabalhos apresentados por ocasião do Simpósio Internacional de Iniciação Científica, bem como a participação das Jornadas Nacionais de Iniciação Científica. A determinação dessa política faz com que minha aluna Amanda Dezerto Flausino, por ter obtido a menção Honrosa em decorrência do último Simpósio, participe da 13ª Jornada Nacional de Iniciação Científica, evento que faz parte da 58ª Reunião Anual da SBPC, que ocorrerá de 16 a 21 de julho próximos, na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, em Florianópolis (135).

A situação em nível de Mestrado e de Doutorado se coloca de outra maneira, já que, apesar de o número de bolsas estar muito aquém do número de pós-graduandos, estas são, pelo menos hoje em dia, quase suficientes para atender aos pedidos. Isso não significa que as condições de estudo sejam boas: pelo contrário, a grande maioria de pós-graduandos tem um emprego (razão pela qual não podem pedir bolsa), o que significa uma redução drástica para o tempo de estudos, e até, às vezes, a desistência no período.

No âmbito da formação em vistas ao “DEA (Diploma de Estudos Avançados) Caraïbe, Amériques Latine et du Nord, Sciences du langage et de la communication, opção Francês Língua Estrangeira, Francês Língua Segunda, Didática das Línguas” dispensada pelo Instituto Superior de Estudos Francófonos (ISEF), da Universidade das Antilhas e da Guiana, estou orientando os seguintes Projetos de pesquisa:

11- Francis Turnier – “Grammaire textuelle et production de discours en contexte scolaire Haïtien” *Gramática textual e produção de discurso no contexto escolar haítiano* (início : fevereiro de 2005) (132).

12- Robert Sosa – “Pour une éducation vocale/auditive. Représentations de la voix enseignante chez les apprenants de FLE en contexte vénézuélien” *Por uma educação vocal/auditiva. Representações da voz do professor nos aprendizes de FLE no contexto venezuelano* (início : fevereiro de 2005) (132).

13- Dyna Felix – “La pratique de l’écrit chez les apprenants haïtiens de 8<sup>ème</sup> année fondamentale” *A prática da escrita dos aprendizes haítianos da 8ª série do Fundamental* (início : fevereiro de 2006) (132).

14- Jean Gustinvil – “Les représentations des enseignants et des apprenants de langue française dans le système éducatif haïtien en 9e année fondamentale: enjeux et perspective” *As representações dos professores e dos alunos em língua francesa no sistema educativo haítiano, 9ª série do Fundamental* (início : fevereiro de 2006) (132).

15- Marjorie Talusma – “Pour une approche interactionnelle de l’enseignement de la littérature en Haïti: du silence à la parole des apprenants”

*Por uma abordagem do ensino da literatura no Haiti : do silêncio à fala dos alunos* (início : fevereiro de 2006) (132).

16- Djimy Petiote – “L’écrit en français dans l’école fondamentale haïtienne : du coup de bâton au ludique“ *O escrito em francês na escola fundamental haitiana : da imposição ao lúdico* (início : fevereiro de 2006) (132).

17- Pascal Gau – “La place et le rôle de l’écrit dans des activités mentales de compréhension et de production orale en situation d’apprentissage d’une langue étrangère“ *O lugar e o papel da escrita em atividades mentais de compreensão e de produção oral em situação de aprendizagem de uma língua estrangeira* (início : fevereiro de 2006) (132).

A formação em vista à obtenção do Diploma de Estudos Avançados (DEA) dispensada pelo Instituto Superior de Estudos Francófonos da Universidade das Antilhas e da Guiana comporta duas modalidades. A primeira, mais comum nas universidades francesas, tem a duração de um ano , ao passo que a segunda, da qual participo com o Professora Visitante, atende, de maneira mais específica, um público de professores que já estão em exercício. Além do mais, são, na sua grande maioria, professores estrangeiros provenientes dos países com que a Faculdade de Letras e Ciências Humanas e o Instituto Superior de Estudos Francófonos tem convênios\*. Esse contexto explica não somente o fato de os cursos serem ministrados de maneira intensiva, durante dois meses, período que corresponde às férias universitárias, como explica, também, os contextos institucionais no âmbito dos quais as pesquisas são desenvolvidas (Haiti, Venezuela).

### **Bancas examinadoras**

Desde o ingresso na Universidade de São Paulo, integrei as seguintes bancas:

#### **I. Exame de Qualificação – Mestrado**

---

\* Lembro que a formação de DEA se chama “DEA Caraïbe, Amériques Latine et du Nord”.

1- Exame de Qualificação para Mestrado, apresentado por Lélia Machado Rocha Pereira (Orientador: Prof. Dr. Patrick Dahlet, DLM), FFLCH, outubro de 1995 (136).

2 - Exame de Qualificação para Mestrado, apresentado por Vinícius de Farias Meira (Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Glória Carneiro do Amaral, DLM), FFLCH, outubro de 1996 (137).

3 - Exame de Qualificação para Mestrado, apresentado na USP por Cristina Murachco (Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto, DLM), FFLCH, abril de 1998 (138).

4 - Exame de Qualificação para Mestrado, apresentado por Celina Borges Teixeira. (Orientador: Prof. Dr. Philippe Willemart, DLM), FFLCH, agosto de 2001 (139)

5 - Exame de Qualificação (para Mestrado) de José Hamilton Maruxo Junior. (Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Tokiko Ishihara, DLM), FFLCH, agosto de 2001 (140).

6 - Exame de Qualificação para Mestrado, apresentado por Aline Saddi Chaves. (Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Tokiko Ishihara, DLM), FFLCH, agosto de 2002 (141).

7 - Exame de Qualificação para Mestrado apresentado por Sergio Cunha dos Santos (Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria Sabina Kundman, DLM), FFLCH, setembro de 2003 (142).

8 – Exame de Qualificação para Mestrado apresentado por Eliana Vasconcelos da Silva Esrael (Orientador: Prof. Dr. Maoel Luiz Gonçalves Corrêa, DLCV), FFLCH, dezembro de 2004 (143).

## **II. Exame de Qualificação – Doutorado**

9 - Exame de Qualificação para Doutorado, apresentado por Lúcia Pereira de Lucena R. Guerra (Orientador: Prof. Dr. Philippe Willemart, DLM), FFLCH, dezembro de 1993 (144).

10 - Exame de Qualificação para Doutorado, apresentado por Márcia Josanne Lira Guimarães (Orientador: Prof. Dr. Patrick Dahlet, DLM), FFLCH, novembro de 1995 (145).



11 - Exame de Qualificação para Doutorado, apresentado por Cláudia Consuelo Amigo Pino (Orientador: Prof. Dr. Philippe Willemart, DLM), FFLCH, agosto de 2000 (146).

12- Presidente da banca do Exame de Qualificação para Doutorado, apresentado por Maria Elisabeth Vitullo. DLM. FFLCH, março de 2005 (134a).

13- Presidente da banca do Exame de Qualificação para Doutorado, apresentado por Maurício Oliveira Santos. DLM. FFLCH, agosto de 2005 (134c).

### **III. Banca examinadora de Mestrado**

14 - Banca examinadora de Mestrado de Adriana de Souza Villela. Título da dissertação: “O mesmo e o diferente na constituição do discurso das novas tecnologias – cliquez ici” (Orientadora: Profa. Dra. Amanda Scherer, Letras/CAL), UFSM, março de 2000 (147).

15- Presidente da banca examinadora de Mestrado de Nathalie Anne Marie Dessartre. Título da dissertação: “L´interaction verbale en situation didactique: nature(s) et fonction(s) de l´acte de question“, DLM.FFLCH, setembro de 2000 (131).

16 - Banca examinadora de Mestrado de José Hamilton Maruxo Junior. Título da dissertação: “A imprensa irônica” (Orientadora: Profa. Dra. Tokiko Ishihara, DLM), FFLCH, outubro de 2002 (148).

17 - Banca examinadora de Mestrado de Débora Raquel Massmann Eleodoro. Título da dissertação: “Referência às entidades no processo de aquisição de um novo sistema lingüístico: operações cognitivo-textuais em narrativas de cunho pessoal” (Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mirian Rose Brum de Paula, UFSM), junho de 2005 (149).

18 - Banca examinadora de Mestrado de Eliana Vasconcelos da Silva Esvael. Título da dissertação: “Pontuação na escrita de universitários: a função enunciativa da vírgula” (Orientador: Prof. Dr. Maoel Luiz Gonçalves Corrêa, DLCV), FFLCH, dezembro de 2005 (150).

### **IV. Banca examinadora de Doutorado**

14 – Banca Examinadora de Doutorado de Lourenço Chacon Jurado Filho. Título: “Ritmo da escrita: uma análise de redações do vestibular Unicamp” — Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP; orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria Bernadete Marques Abaurre, maio de 1996 (151).

15 - Banca examinadora de Doutorado de Cláudia Consuelo Amigo Pino. Título da tese: “A escritura da ficção e a ficção da escritura. Análise de 53 *jours*, de Georges Perec” (Orientador: Prof. Dr. Philippe Willemart, DLM), FFLCH, dezembro de 2001 (152).

16 - Banca examinadora de Doutorado de Ana Cristina de Aguiar Bernardes. Título da tese: “Pontuando alguns intervalos da pontuação” (Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro, IEL), UNICAMP, setembro de 2002 (153).

17 - Banca examinadora de Doutorado de Álvaro David Hwang. Título da tese: “Le Robert Micro: possibilidades e dificuldades para a construção e recuperação de informações por parte do usuário estrangeiro falante de língua portuguesa” (Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Ieda Maria Alves, DLCV), FFLCH, janeiro de 2003 (154).

18 - Banca examinadora de Doutorado de Álvaro Faleiro. Título da tese: “Tradução e significância nos *Caligramas* de Apollinaire: o espaço gráfico, o metro e a textura fônica” (Orientador: Prof. Dr. Mário Laranjeira, DLM), FFLCH, dezembro de 2003 (155).

#### V. Comissão julgadora de concurso

19 – Presidente da banca examinadora do concurso para provimento de um cargo de Professor Doutor do Departamento de Letras Modernas, área de Língua e Literatura Francesa (disciplina Língua Francesa). DLM/FFLCH, abril de 2005 (156).

#### Consultoria

Prestei **consultoria** para as matérias “Só 2% dominam língua francesa” da *Folha de S.Paulo* do 17/08/97 (157) e “Pontuar? Depende do gênero, do leitor...”, publicado na *Revista do Professor, Nova Escola*, Editora Abril, maio de 2002, n.152, vol. XVII (158 l).

## **Participação em comissões científicas**

No que diz respeito a **comissões científicas**, faço parte das seguintes:

1- Conselho editorial da Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia, FFLCH/USP (159).\*

2- Membro do comitê de leitura da revista editada pelo Laboratório do G.E.R.E.C.-F, (Groupe d'Etudes et de Recherche en Espaces Créole et Francophone) da Universidade das Antilhas e da Guiana (Martinica) (160).

3- Conselho Editorial da revista HUMANITAS, FFLCH/USP, desde a criação, em 3 de abril de 2003, da Associação Editorial Humanitas (161).

## **Funções administrativas**

No tocante às funções administrativas, assumi as seguintes:

1- Em 1997, coordenadora da Área de Língua e Literatura Francesa e da sub-área de Língua Francesa do DLM/USP (162).

2- Em 1997 ainda, membro da Comissão de Seleção dos Projetos de Iniciação Científica (162).

3- Em 1998, representante suplente do Departamento de Letras Modernas junto à Comissão de Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) (163).

4- No biênio 1999 e 2000, representante titular do DLM junto à Comissão de Graduação da FFLCH (163).

5- No biênio 2000/2001, membro da Comissão Interna de Graduação (163).

---

1- \* Fiz parte, também, da coleção "Parcours" da Editora Anablume, e da revista de didatologia das Línguas e Culturas, Synergies-Brésil, Revista de didatologia das línguas-culturas promovida pelo Grupo de Estudos e de Pesquisa para o Francês Língua INTERNACIONAL, até sua extinção, em 2004 (GERFLINT/ Rouen, França), hoje extintas (159a) e (159b).

6- No biênio 2002/2003, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura francesa (163).

7- No biênio 2002/2004, membro titular do Conselho Departamental do Departamento de Letras Modernas da FFLCH, na categoria de Professor Doutor (163).

8- Em 2003, membro da comissão de Estudos de Títulos Franceses, designada pela Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Suely Vilela, Pró-Reitora de Pós-Graduação da USP (164).

9- No biênio 2004/2006, coordenadora da sub-área de língua francesa/DLM (165)

10- No biênio 2005/2006, coordenadora da área de Língua e Literatura Francesa/DLM (165).

11- No biênio 2005/2006, membro titular do Conselho Departamental do Departamento de Letras Modernas da FFLCH, na categoria de Professor Associado (165).

12- No biênio 2005/2006, membro titular da Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), na categoria de Professor Associado (166).

### **Prestação de serviços**

1- De 1994 a 1998, membro do Júri do D.A.L.F. (Diploma Avançado de Língua Francesa), organizado pelas Alianças Francesas do Brasil, cuja obtenção permite ao aluno ingressar no 2º ano de Letras na Universidade de Nancy, França (167).

2- De 1996 a 1998, membro da equipe de elaboração dos exames do D.A.L.F.(168).

3- Membro da Comissão Pedagógica que organizou os conteúdos da formação dos professores de Francês da Rede Pública, junto com a Associação dos Professores de Francês do Estado de São Paulo, o B.C.L.E. (Bureau de Coopération Linguistique et Educative) e a Diretoria da Aliança Francesa (2º semestre de 1997) (169).

4- Desde 1997: assessora da FAPESP (170).

- 5- Desde 2003: parecerista *ad hoc* da CAPES (171).
- 6- Desde 2003: parecerista *ad hoc* da *Revista da ANPOLL* (172).

Em 2004, de 2 a 4 de agosto, prestei o Concurso de Livre-Docência, junto ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (173). A Comissão julgadora era composta pelos Professores Doutores Philippe L. M. G. Willemart (Presidente, DLM/FFLCH), José Luiz Fiorin (DL/FFLCH), Maria Helena de Moura Neves (UNESP/Araraquá), Sírio Possenti (UNICAMP) e Luiz Antônio Marcuschi (UFPE). O concurso ocorreu ao longo de três dias. O primeiro dia, 2 de agosto de 2004, foi consagrado à defesa do Memorial. E neste exato momento em que estou escrevendo novamente sobre esse evento, este próprio momento produz outro evento, muito parecido com uma *mise en abyme*, na medida em que é justamente no contexto deste memorial que estou lembrando aquele, que, aliás, inspirou uma reflexão sobre esse gênero que desembocou numa publicação de artigo. O segundo dia foi o da prova escrita, cujo tema dizia respeito aos tempos do passado no sistema lingüístico francês. O terceiro e último dia começou pela prova didática – o ponto sorteado foi: “Tipos e gêneros de discurso” –, seguida respectivamente pela leitura da prova escrita e defesa da minha tese, intitulada “*A pontuação: regularidades e variações*”. Obtive como média a nota 10.

A apresentação do calendário das provas não poderia esconder o formidável evento que representa o concurso de Livre-Docência no plano profissional, mas também – pelo menos no que me diz respeito –, no plano pessoal. De fato, considero esse concurso como um reconhecimento institucional do desempenho e dos resultados obtidos por um docente, no que toca tanto ao ensino e pesquisa quanto ao engajamento dentro da própria instituição. Entretanto, não posso me esquecer do fato de que sou radicada no Brasil, e isso se deu pela Universidade de São Paulo. Assim, para mim, esse reconhecimento institucional soa também como aquilo que de melhor pude oferecer a esta Universidade, que me acolheu.

## AS PEREGRINAÇÕES DO EU

Caberia aqui fazer um balanço desse último período de treze anos? Um balanço, de certo modo, implica sempre o fim de algo, e o início de algo novo. Ora, o memorial, apesar de sua motivação institucional, acaba, no decorrer da redação, investido de um vetor necessariamente interno (ou talvez, internalizado, sem que se perceba mais?), movido pela volta a si, de tal modo que essa dupla dimensão faz que o memorial se torne, de maneira intrínseca, um evento. Evento-traço de união, entre o fim de algo e o início de algo novo. Por isso, acredito eu, o memorial possibilita o balanço. Pode ser que este esteja contido naquele. Nesse caso, conviria retomar os fios que designaram, às vezes de maneira oblíqua, as trilhas que percorri.

Em seu artigo “Para uma sociologia do memorial acadêmico” (*Literatura e sociedade*, 3, 1998), L. Waizbort evoca três identidades: a *identidade do eu*, a *identidade profissional*, a *identidade intelectual*. Essa distinção entre os vários *EU* parece-me altamente justa, pois lembra que o indivíduo não é um (apesar do sentido literal da própria palavra de *indivíduo*), porém, mas nem por isso é feito de fragmentos oriundos de horizontes totalmente desligados entre si. Entre os três tipos de identidade, parece-me, a mais polimorfa, a mais “absorvente”, diria eu, porque a mais suscetível a mudanças, a se impregnar de vários aspectos ou formas, enfim, a mais aberta a outrem, diz respeito à *identidade do eu*. *Je est un autre*, dizia Rimbaud. Acredito não ser preciso experimentar o estado paradoxal da criação poética para sentir essa estranheza. Voltarei a falar sobre esse assunto, pois vou evocar as identidades começando por aquelas que possuem melhor definição (tal como se fala da definição de uma imagem, de uma foto: de sua aptidão a se deixar enxergar, a definir melhor os contornos).

É importante lembrarmos que, no preâmbulo deste memorial, falei da presença de dois *EU*, o observador e o observado, o narrador e o narrado. Para completar, agora, a tripartição das identidades proposta por Waizbort, conviria dizer que os dois *EU* (aquele que olha e aquele que é visto) são logicamente atribuídos a cada gênero de identidade. De tal modo que se

totalizam seis *EU*, se concordarmos sobre o fato de que o *EU* observador da identidade profissional, por exemplo, não vale exatamente para o *EU* observador, por exemplo, da identidade do *EU* (!). E o mesmo acontece no tocante ao *EU* observado: o *EU* observado da identidade intelectual não poderia substituir, por exemplo, o *EU* da identidade.

Onze anos separam o meu ingresso na USP de hoje. São poucos anos, e são muitos. Poucos, se relacionados a uma carreira toda; muitos, se relacionados ao número de acontecimentos. Acredito que nestas páginas a identidade profissional e a identidade intelectual puderam ser apreendidas, ainda que, talvez, nem sempre de maneira ágil ou frontal, mas com adequação. Mesmo assim, será que esses percursos se caracterizam por uma linha reta? Não, definitivamente. A identidade não é feita de um bloco só, e sim de uma história ainda em processo. A não ser que se entenda *identidade* como se fosse um momento apreendido para extraí-lo do fluxo temporal no intuito de imobilizá-lo, de fixá-lo, à semelhança da foto. Ainda assim, a linha não se apresenta reta: ela se desenha também conforme os encontros, seja com leituras seja com pessoas seja com instituições, que acabam mostrando trilhas novas.

Para mim, qual seria o fio que costura minhas três identidades?

Minha estrangeiridade: a parte mais aflorada da minha (inter) subjetividade, e que permeia todos os campos nos quais evoluo por via das línguas.

Assim, o relacionamento interpessoal, cuja forma depende muito da cultura, varia de um país para outro. A observância de determinadas formas no diálogo é a chave da comunicação bem-sucedida. Ao longo da minha vida pessoal e uspiana, em particular na situação de ensino, tenho aprendido a necessidade de aprender, familiarizar-me com os rituais de comunicação em vigor, fundamentados, aliás, em representações fortemente enraizadas. Nesse aspecto, os alunos foram meus melhores mestres. Foram, também, meus melhores professores na aprendizagem da língua portuguesa, não tanto porque me ensinaram, de um modo ou de outro, o idioma (isso coube e cabe ainda hoje aos meus colegas e amigos que também sempre foram mediadores transculturais), mas porque eu tive que perceber o processamento dos erros e,

também, dos sucessos; porque tive que entender e me fazer entender (limitando-me a um exemplo entre vários) porque um único referente se desdobrava, através de ambas as línguas, no seu contrário, fazendo que, passando de uma língua para outra, passemos da vida para a morte, e *vice-versa*, da morte para a vida, conforme se pretenda dizer “perigo de vida” ou “danger de mort”. Para essas razões e muitas outras, portanto, obter o aval para ensinar nos dois primeiros anos era considerado, por mim, como se eu tivesse obtido um diploma para passar no curso superior da minha própria aprendizagem na comunicação e na cultura brasileiras...

Acabei de evocar apenas um aspecto da minha estrangeiridade em relação à minha identidade profissional (são muitos os aspectos, e numerosas as situações em que vivenciei uma espécie de deslizamento). Claro, progredi muito nessa aprendizagem, mas isso não significa que ela esteja em fase de conclusão.

Cabe, agora, analisar um aspecto da minha estrangeiridade em relação à minha identidade intelectual. Na verdade, trata-se menos de analisar (nesse caso presente, soaria um pouco pretensioso, acredito eu) do que de indagar, ainda mais porque deparei muito recentemente com algo que, anteriormente, não chamara minha atenção. Percebi, com efeito, a singularidade da minha tese de Livre-Docência. Não no plano do seu desenvolvimento, nem no da análise ou da metodologia (pois não cabe a mim, nesse momento, fazer observações a respeito), mas sim no plano do próprio objeto: a pontuação em português! Ora, se considerarmos o fato de eu ministrar disciplinas de Língua Francesa, como docente na Área de Francês do Departamento de Letras Modernas, poderíamos, com toda razão, esperar um estudo sobre essa língua na perspectiva, por exemplo, da aquisição ou da didática. De um ponto de vista exterior, isso pode até ser intrigante.

É exatamente o que aconteceu comigo: fiquei intrigada pelo fato de ter estudado um objeto pertencente à língua portuguesa, e, por isso, fui me perguntando quais foram as razões que me conduziram para esse caminho. Além das razões objetivas já apresentadas aqui (necessidade de elaborar uma representação unificadora e coerente do sistema e do fazer da pontuação), tudo indica (e foi o próprio movimento de redação deste memorial que me levou



a perguntar e a pesquisar a respeito) que se tratou de uma estratégia, em nada consciente, para eu conseguir atravessar a linha do espelho: não mais (ou não meramente) me ver a partir do meu universo de partida – a língua francesa e a linguagem que esta traz consigo, com sua grade de representações, valores e sabores –, e sim, me ver a partir deste lado do espelho e, conseqüentemente, experimentar/provar e sentir por dentro a língua portuguesa, com sua própria grade de representações, valores e sabores. Esse processo de aculturação possibilitou também a experimentação do grau de estranheza possível em relação à língua francesa. Será que é preciso acrescentar que, no meu entender, *me ver* não se dissocia da imagem que o outro remete de mim a mim mesma? Enfim, perguntei-me se essa passagem para o outro lado do espelho que foi a análise da pontuação em português não consistiu, de um modo ou de outro, em buscar uma legitimidade, buscar o reconhecimento que faria que eu não ficasse assimilada, sistemática e radicalmente, do outro lado, isto é, do lado de lá.

Muitos de meus colegas da USP e de outras universidades têm nos seus currículos as várias idas à França, que representam cada vez etapas significativas, tanto no plano profissional quanto no pessoal. Minha situação é inversa: da França para o Brasil, não são estadas, mas uma permanência. Os pontos de referência começam a se apagar: percebo, quase a cada dia que não nasci nem cresci aqui, mas percebo também, quando estou lá, que não sou mais de lá. Situação simbolicamente desconfortável, às vezes difícil, que apresenta momentos que trazem perplexidade. Porém, nessa interseção tornada complexa pelas próprias flutuações de suas marcas, meus pontos de identificação tornam-se, entre outros, aqueles que me autorizam a refazer de mim o autor da narrativa que estou vivendo.

No que me concerne, a identidade do *EU* se delimita a essa pergunta: de que lado do espelho estou eu? Assim, em julho de 2003, por exemplo, na Bretanha, onde passava as férias com minha família, mal tinha começado a conversar com um senhor da região que me parabenizou pelo meu domínio do francês e me perguntou qual era meu país...

# CURRICULUM VITAE

VERONIQUE MARIE BRAUN DAHLET

## **DADOS PESSOAIS**

Nome: Véronique Marie Braun Dahlet

Data e lugar de nascimento: 26 de fevereiro de 1958, Estrasburgo, França.

Nacionalidade: Francesa

Situação familiar: casada, 2 filhos.

RNE : V 170 420 –E

### Endereço residencial

Avenida Angélica, 1106 apt° 179

01228-100 São Paulo -SP- Brasil

Tel. (011) 3666 3602

E-mail : [vdahlet@usp.br](mailto:vdahlet@usp.br)

### Endereço profissional

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Letras Modernas

Avenida Professor Luciano Gualberto, 403

05508-900 Cidade Universitária

São Paulo -SP-

Tel.: (011) 3091-5041

Fax: (011) 3032-2325

E-mail: [flm@usp.br](mailto:flm@usp.br)

## **TÍTULOS UNIVERSITÁRIOS**

- 1976-1978: Curso de Letras Superior e Primeira Superior. Liceu Fustel de Coulanges, Strasbourg, França
- 1979: Diploma de Estudos Universitários Gerais. Universidade François Rabelais, Tours, França
- 1980: Licenciatura em Letras Modernas. Universidade François Rabelais, Tours, França
- 1981: Mestrado em Letras Modernas. Universidade François Rabelais, Tours, França

- 1984: Diploma de Estudos Avançados em Letras, Semiótica dos Textos e dos Documentos. Universidade de Paris VII-Jussieu  
Orientadora: Profª. Drª. Julia Kristeva  
Menção: Muito Honrosa
- 1990: Doutorado em Letras, Semiótica dos Textos e dos Documentos. Universidade de Paris VII-Jussieu  
Título: "De la ponctuation au ton. Les romans de Robert Pinget"  
Orientadora: Profa. Dra. Julia Kristeva  
Menção: Muito Honrosa
- 2004: Tese de Livre-Docência. Universidade de São Paulo  
Título: "A pontuação: Regularidades e variações"

### **TÍTULOS PROFISSIONAIS**

- 1988: Professora titular da Educação Nacional Francesa (parte teórica) concursada em Letras Modernas, Paris
- 1989: Professora titular da Educação Nacional Francesa, concursada em Letras Modernas (parte prática), colégios de Créteil e Pantin
- 1990: Doutorado em Letras (Semiótica dos Textos e dos Documentos). Universidade de Paris VII- Jussieu. Menção: Muito Honrosa
- 1993: Professor Doutor, MS-3, RDIDP. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas, Área de Francês
- 2004: Professor Associado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas

### **ATIVIDADES DE ENSINO**

- Universidade Marie Curie, Departamento de Filologia Românica, Lublin, Polônia [1980-1983]. Terceiro ano de graduação de francês: "Práticas da língua e dos textos franceses".
- Universidade de Porto, Faculdade de Letras, Departamento de Língua e Literatura Francesas, Portugal [1984-1986]. Terceiro ano de graduação de francês: "Argumentação escrita"

- Colégios de Créteil e Pantin [1988-1989]. Língua e Literatura Francesa na 6ª série e no 1º Colegial.
- Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas [1993 - ]:

### **Em nível da graduação**

- LF VII e LF VIII . Introdução à lingüística francesa
- LF V e LF VI . A argumentação em produção e em recepção
- LF III e LF IV . Ensino da língua francesa e expressão escrita
- LF I e LF II . Ensino da língua francesa

### **Em nível da pós-graduação**

- primeiro semestre de 1994. *A voz e a ficção*
- primeiro semestre de 1995. *A voz sobre a folha: uma estética literária*
- segundo semestre de 1995. “Sintaxe, enunciação, pontuação” (3 horas), no âmbito do curso de pós-graduação Discurso, enunciação e significação oferecido pelo Departamento de Lingüística da FFLCH/USP e promovido pelo acordo CAPES/COFECUB (nº 156/94) intitulado Construção do sentido e aquisição das línguas.
- primeiro semestre de 1996. *Pontuação e processos redacionais*
- segundo semestre de 1996. *Duas perspectivas poéticas: Baudelaire e Mallarmé*, junto com a Profa. Dra. Glória Carneiro do Amaral da Universidade de São Paulo.
- primeiro semestre de 1999. *Pontuação e processos redacionais*
- primeiro semestre de 2001. *Textos de hoje: entre a escrita e a imagem*
- segundo semestre de 2005. *Didática da gramática e educação linguageira*, junto com o Professor Visitante, Patrick Dahlet, da Universidade das Antilhas e da Guiana

### **Fora da Universidade de São Paulo**

#### **Em nível da graduação**

- Mini-curso “Enunciação, Mídia e interdiscurso/Pontuação e processo redacional” (em colaboração com a Profa Dra. Beth Brait, Iº Seminário Nacional de Lingüística

Portuguesa, Universidade Federal de Goiás, Instituto de Ciências Humanas e Letras. 11 a 15 de setembro de 1995

- Curso sobre a metodologia do ensino da escrita (4 horas), em março de 1998, no âmbito de um projeto de formação contínua dos professores de Francês da Rede Pública, organizado pela Associação dos Professores de Francês do Estado de São Paulo, o Bureau de Coopération Linguistique et Educative e o Secretaria Municipal de Educação
- “Ponctuation et mise en page: entre l’écrit et l’image”, em fevereiro de 2000, por ocasião do Colóquio da Aliança Francesa/São Paulo
- “Le système verbal du français en perspective textuelle”, em fevereiro de 2003, por ocasião do Colóquio da Aliança Francesa/São Paulo
- “Le système verbal en français”, em outubro de 2002, no âmbito do estágio de aperfeiçoamento dos professores de francês da Rede Pública promovido pela FAPESP (Associação dos Professores de Francês do Estado de São Paulo) e pela Área de Francês do Departamento de Letras Modernas da USP
- “Le système verbal en français”, em outubro de 2002, no âmbito do estágio de aperfeiçoamento dos professores de francês da Rede Pública promovido pela FAPESP (Associação dos Professores de Francês do Estado de São Paulo) e pela Área de Francês do Departamento de Letras Modernas da USP

#### **Em nível da pós-graduação**

- Em outubro de 1995. “Sentido, sintaxe, pontuação e ritmo” (4 horas/aula) por ocasião do II Seminário de Estudos Avançados dirigido aos alunos de Mestrado em Lingüística, da Universidade Federal de Santa Maria-RS
- Em outubro de 1999. “Produção e recepção da pontuação” (15 horas/aula), Departamento de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte

#### **• Fora do Brasil**

#### **Em nível da pós-graduação**

**Universidade das Antilhas e da Guiana**, Faculdade de Letras e Ciências Humanas (Martinica)

- Jan./Fev. de 1996. A pontuação e o sentido na aprendizagem da escrita em Francês Língua estrangeira (15 horas)

- Jan./Fev. de 1997. Pontuação e estruturação dos escritos em Francês Língua Estrangeira (15 horas)
- Jan./Fev. de 1998. Pontuação e aquisição do Francês Língua Estrangeira (12 horas)
- Jan./Fev. de 1999. Pontuação e semântica (20 horas)
- Janeiro de 2000. A pontuação na construção de uma língua (22 horas)
- Abril/Maio de 2001. Perspectiva teórica da pontuação. Funções e campos de intervenção (15 horas)
- Janeiro de 2003. Aprendizagem e didática do Francês Língua Estrangeira (20 horas)
- Janeiro de 2004. Apprentissage et didactique de l'écrit en FLE (20 horas)
- Jan./Fev. de 2005. Didactique de la grammaire et apprentissage des langues (30 horas).
- Jan./Fev. de 2006. Didactique de la grammaire et apprentissage des langues (25 horas).

#### **Universidade de Paris X-Nanterre**

- dezembro de 1998: Ponctuation et pragmatique (3 horas/aula)
- dezembro de 1998: Ponctuation et acquisition des langues (3 horas/aula)

#### **CONFERÊNCIAS NO BRASIL**

- agosto de 1992. FFLCH/USP “Uma escrita para ser ouvida: os romances de Robert Pinget”
- setembro de 1994. Universidade Estadual de Maringá “Aspects de la ponctuation en français”
- outubro de 1995. Universidade Federal de Santa Maria (RS) “Escrito e oralidade”
- novembro de 1996. Universidade Federal de Goiás “Lendo o texto jornalístico”;
- agosto de 1998. FFLCH/USP, “A pontuação de uma língua para outra: francês-português”
- outubro de 1999. Universidade Estadual do Rio Grande do Norte “A dimensão interativa da pontuação”
- outubro de 2000. IEL/UNICAMP “Da pontuação normativa à pontuação enunciativa”

- agosto de 2002. Universidade Estadual de Maringá (PR) “Les langues et les politiques éducatives. Le cas du français dans le monde”
- setembro de 2002. PUC/LAEL “A legibilidade integrada à visibilidade: uma história do escrito”
- outubro de 2002. Universidade Federal de Santa Maria (RS), “Culturas da identidade: o eu entre espaços e línguas”
- setembro de 2005. Universidade de São Paulo, “Types de textes et genres de discours”

### CONFERÊNCIAS FORA DO BRASIL

- julho de 1997. Universidade François Rabelais, Tours (França) “Robert Pinget ou la ponctuation causeuse de voix. *Le Libera et Cette Voix*”
- dezembro de 1998. Universidade de Paris X-Nanterre, “Pour une systématique de la ponctuation”
- dezembro de 1998. Universidade de Paris III, “Pontuação francesa e pontuação portuguesa”
- fevereiro de 2002. Universidade Nacional de Costa Rica, “La ponctuation”.
- janeiro de 2004. Universidade das Antilhas e da Guiana, “Pontuação e enunciação”
- Fevereiro de 2006. Universidade das Antilhas e da Guiana, “Symbolisation et apprentissage des langues”

### TRABALHOS E PUBLICAÇÕES

- *De la ponctuation au ton. Les romans de Robert Pinget*. Dissertação de Doutorado, Paris VII, 445 p.
- 1983: "La narration chez Robert Pinget ou la résorption du personnage", *Lubelskie Materialy Neo filologizne*, Ed. Universidade de Lublin ( Polônia), p. 25-33.
- 1985: "Trois formes d'intertextualité dans l'oeuvre romanesque de Robert Pinget : le ragot, le syntagme figé, la citation. De la parole persuasive intérieure à la parole autoritaire extérieure", *Zesqyty Naukowe Uniwerytetu Jagiellonskiego*, Anais do Colóquio de Mogilany, *Lingüística do discurso*, Universidade de Cracovia (Polônia), p. 45-55.



- 1987: "Fable, de Robert Pinget: le mirage de l'aveugle", *La Chouette*, Ed. Birbeck College, Universidade de Londres, Inglaterra, novembro, p. 64-69.
- 1989: "Le drame selon Pinget: un théâtre de dépossédés", *Atos do Colóquio Teatro e Tradução*, Universidade e Prefeitura de Braga, Portugal, p.16-40.
- 1992: "Les claques de la culture. Ecoutes du potin", *Rencontres*, nº 2, PUC/ SP, p.60-67.
- 1994: "Robert Pinget ou une écriture à écouter. L'exemple du *Libera*", *Parcours/Percurso*s, FFLCH, Ed.da Universidade de São Paulo, p. 71-78.
- 1994: "Aspects de la ponctuation en français", in *Anais da jornada de estudos franceses*, II, Ed. da Universidade Estadual de Maringá, p. 109-121.
- 1995: "Ponctuation, langue, discours", in *Estudos Lingüísticos, Anais de seminários do GEL*, XXIV, São Paulo, p. 337-340.
- 1995: "Escrever um romance em sala de aula" , *Linha d'Água*, nº 9, APPL, FFLCH, Ed. da Universidade de São Paulo, p.41-45.
- 1995: "La voix de l'écriture, l'écoute du sens", *Língua e Literatura*, n. 21, FFLCH , Ed. da Universidade de São Paulo, p. 179-189.
- 1995: "O dizer em silêncio: as reticências " , *Anais do I Seminário Nacional de Lingüística e Língua Portuguesa* , Ed. da Universidade Federal de Goiás, p. 20-27.
- 1998 : "Pontuação, sentido e efeito de sentido" , *Anais do XXVII do GEL*, p. 465-471.
- 1998: "Línguas minoritárias ente o simbólico e o político: o caso do crioulo nas Antilhas francesas", FFLCH, Ed. da Universidade de São Paulo, p. 121-130.
- 1998 : " La ponctuation et les reprises de l'indicible " , *L'indicible et ses marques dans l'énonciation* [J.-J Franckel e C. Normand Orgs.], LINX, Revista dos lingüistas de Paris-X, nºespecial, p. 21-29.
- 1999: "Aquisição das línguas e pesquisas em pontuação", *Linha d'Água*, nº 14, APPL, FFLCH, Ed. da Universidade de São Paulo, p.75-85.
- 1999: "Línguas minoritárias entre o simbólico e o político: o caso do crioulo nas Antilhas Francesas". *Língua e Literatura*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, n. 24, p. 121-130.
- 2002: "A pontuação e sua metalinguagem gramatical", *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, v. 10, n.1, p. 29-41.
- 2002: "O proceder da pesquisa: quais as relações entre problemática, dissertação e corpus?", *Letras*. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Letras, n. 21, p. 127-132.
- 2003: "Para uma tipologia do sujeito escrevente, em língua materna e estrangeira", *Fragmentos*, n. 22. Florianópolis: Editora DAUFSC, p. 41-48.

- 2003: “Culturas da identidade: o eu entre espaços e línguas”, *Letras*. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Letras, n. 26, p. 21-28.
- 2003: “Les langues et les politiques éducatives. Le cas du français dans le monde”, *Actes de la VIIIe Journée d’Études Françaises*. Maringá: UEM, p. 9-29.
- 2004: “Discursos gramaticais e ensino da pontuação”, *Revista do Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste (GELNE)*, nº2, vol. 3, Universidade Federal do Ceará, p.160-164.
- 2005: “Le mémorial et les je(ux) de la mémoire”, In *Chemins de formation au fil du temps*. Nantes : Universidade de Nantes, nº8, outubro, p. 172-177.

### **PUBLICAÇÕES EM LIVROS**

- 1997: A entonação no dialogismo bakhtiniano”, in Beth Brait (Org.), *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*, Campinas: Ed. da Unicamp, 1997, p.263-80 (62).
- 2000: “La ponctuation causeuse de voix. *Le Libera et Cette Voix*, de Robert Pinget.” *Le chantier Robert Pinget*. Paris: Jean-Michel Place, 2000, p. 59-71.
- 2003: *Ponctuation et énonciation*. Guyane: Ibis Rouge Editions, 2003, 159 p.
- 2006 (no prelo): *As (man)obras da pontuação*. São Paulo: Ed. Humanitas/FFLCH e FAPESP.

### **ESTÁGIOS DE DIDÁTICA DO FRANCÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA**

- 1981: Participação no estágio de formação de animadores pedagógicos em Didática do Francês língua estrangeira, em Saint-Nazaire (07.07. 1981-07.08. 1981), organizado pelo **BELC** (Bureau pour l’Enseignement de la Langue et de la Civilisation Françaises à l’Etranger).
- 1985: Participação no estágio de especialização em Didática do Francês língua estrangeira, em Sèvres (09.12. 1985-21.12. 1985), organizado pelo **CIEP** (Centre International d’Etudes Pédagogiques).

## **CONSELHO EDITORIAL E COMITÊ DE LEITURA**

- Conselho editorial da Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia, FFLCH/USP;
- Membro do comitê de leitura da revista editada pelo Laboratório do GERECEP, *Espace Créole. Espaces francophones*, da Universidade das Antilhas e da Guiana (Martinica);
- Conselho Editorial da revista HUMANITAS, FFLCH/USP.

## **CARGOS ADMINISTRATIVOS**

- 1997: Coordenadora da Área de Língua e Literatura Francesa e da sub-área de Língua Francesa
- 1997: Membro da Comissão de Seleção dos Projetos de Iniciação Científica
- 1998: Representante suplente do Departamento de Letras Modernas junto à Comissão de Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)
- 1999 / 2000: Representante titular do DLM junto à Comissão de Graduação da FFLCH
- 2000 / 2001: Membro da Comissão Interna de Graduação
- 2002 / 2003: Coordenadora do Programa de pós-graduação em Língua e Literatura francesa
- 2002 / 2004: Membro titular do Conselho Departamental (categoria Doutor)
- 2003: Membro da comissão de Estudos de Títulos Franceses
- 2004: Coordenadora da sub-área de língua francesa
- 2005 / 2006: Coordenadora da Área de Língua e Literatura Francesa e da sub-área de Língua Francesa
- 2005 / 2006: Membro titular do Conselho Departamental (categoria Professor Associado)
- 2005 / 2006: Membro titular da Congregação (categoria Professor Associado)
- Coordenadora dos Cursos Extra-Curriculares de Língua Francesa

## ASSESSORIAS

- 1994/1998, membro do Júri do DALF (Diploma Avançado de Língua Francesa), Alianças Francesas do Brasil
- 1996/1998, membro da equipe de elaboração dos exames do DALF
- 2º semestre de 1997, membro da Comissão Pedagógica que organizou os conteúdos da formação dos professores de Francês da Rede Pública, junto com a Associação dos Professores de Francês do Estado de São Paulo, o B.C.L.E. (Bureau de Coopération Linguistique et Educative) e a Diretoria da Aliança Francesa
  
- Desde 1997: assessora da FAPESP
- Desde 2003: parecerista *ad hoc* da CAPES
- Desde 2003: parecerista *ad hoc* da *Revista da ANPOLL*

São Paulo, abril de 2006

Véronique DAHLET

\* \* \*